

Entrevista

As ocupações das escolas estaduais da região de Sorocaba/SP: falam os estudantes secundaristas

The state school's occupations in the region of Sorocaba/SP: the secondary students speaks

*Marcos Francisco Martins**
*Fábio Alexandre Tardelli Filho***
*Keyla Priscilla Rosado Pereira****
*Érico Vinicius Fonseca dos Santos*****

RESUMO

Este texto apresenta a íntegra de uma entrevista realizada em 15/03/2016 com cinco estudantes secundaristas, que participaram do processo de ocupação de escolas públicas de São Paulo contra a "reorganização" que o governo estadual tentou promover em 2015. O roteiro da entrevista visou, basicamente, conhecer as origens das ocupações nas escolas da região de Sorocaba/SP, o desenvolvimento do processo de ocupação e os legados que deixou. Na introdução, os entrevistadores apresentam uma síntese histórica dos fatos, desde o anúncio da "reorganização" até o cancelamento do Decreto que a instituiu.

Palavras-chave: Movimento estudantil. Reorganização escolar. Escola pública.

ABSTRACT

This text presents the full text of an interview done on 03/15/2016 with five high school students who participated in the process of occupation of public schools in São Paulo against the "reorganization" that the state government tried to promote in 2015. The interview aimed to know the origins of occupations in schools in the region of Sorocaba/SP, the development of the occupation process, and the legacy that it left behind. In the introduction, the interviewers present a historical overview of the facts, since the announcement of "reorganization" to the cancellation of the decree that established this policy.

Keywords: Work student movement. School reorganization. Public school.

Introdução

"A escola não era o meu lugar, hoje a escola é o meu lugar..."
(Marighella, nome fictício de um dos entrevistados)

O movimento de ocupação das escolas estaduais paulistas pelos estudantes secundaristas, realizado no segundo semestre do ano de 2015, contra a proposta de "reorganização" da rede de ensino oficial paulista, foi surpreendente. E não apenas pela forma inusitada como surgiu, quando poucos esperavam por isso, mas também pela consistência e maturidade política da organização juvenil, que foi capaz de

*Graduado em Filosofia, com mestrado e doutorado em Educação. Professor do DCHE (Dpto. de Ciências Humanas e Educação) - UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) *Campus* Sorocaba, coordena o Mestrado em Educação, lidera o GPTeFE (Grupo de Pesquisa Teorias e Fundamentos da Educação), é editor da *Crítica Educativa* e bolsista PQ-CNPq. E-mail: marcosfranciscomartins@gmail.com

**Licenciado em História pela Universidade de Sorocaba, graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos e professor na rede estadual de ensino. f.a.tardelli@gmail.com

***Graduada em História pela Universidade de Sorocaba, graduanda em Geografia pela UFSCar e professora na rede estadual de ensino. E-mail: keylarosado@gmail.com

****Graduando em Pedagogia pela UFSCar, *campus* Sorocaba. E-mail: erico_fds@hotmail.com

imprimir derrota ao governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), e estimular movimentos similares em outros Estados do Brasil.

Muito embora tenha sido experimentada em 1995 na mesma rede de ensino de São Paulo por Mário Covas, do PSDB¹, a proposta revigorada vinte anos depois, em 2015, teve inspiração no processo similar desenvolvido nos EUA. Todavia, é sabido que foi fracassada a reorganização daquela rede de ensino, que contou, inclusive, com a implantação da terceirização de escolas para Organizações Sociais (OS's), um tipo de privatização que também estava latente no projeto de Alckmin (FREITAS, 2015), conforme confirmou Marco Aurélio Bugni, Diretor Regional de Ensino de Sorocaba, em audiência realizada no dia 06/11/2015, na Câmara Municipal desse município. (cf. SMETAL, 06/11/2015).

Nas terras paulistas, a proposta de reorganização foi anunciada e tentou-se implantar sem a discussão prévia com a comunidade escolar, que foi pega de surpresa, sendo informada pelo Secretário de Educação, Herman Voorwald, no dia 23/09/2015, em um programa matinal de TV aberta². Esse expediente

[...] contraria o preceito da 'gestão democrática' presente nos artigos 3º, 14 e 56 da LDB (Lei 9394/96). Além disso, na campanha eleitoral, nunca o governador registrou a pretensão de fechar escolas, o que é um reprovável e anti-democrático artifício eleitoral. (MARTINS, 2015, p. A-2)

A proposta visava a produzir um "enxugamento" na rede, para ajustar o orçamento da educação. Isso deveria ser alcançado com o fechamento de 92 escolas e mudança de ciclos de outras 754, com vista a instituir o ciclo único, o que facilitaria o processo de municipalização, terceirização às OS's ou mesmo privatização. Milhares de pessoas seriam atingidas: alunos(as), profissionais da educação e pais. Haveria a transferência de escola para 311 mil alunos, além da demissão de milhares de professores e trabalhadores terceirizados que atuavam nas escolas que seriam fechadas. O argumento do governo para sustentar a proposta de fechamento das escolas residia, basicamente, em duas afirmações: a) a retração da população paulista em idade escolar; b) a afirmação de que o ciclo único nas escolas seria responsável pelo aumento da qualidade de ensino, cerca de 10%, segundo palavras do Secretário de Educação e do Governador em inúmeras oportunidades.

Todavia, as asserções mostraram-se frágeis (cf. TRAVITZKI, 2015). A proposta de implantação do ciclo único não resistiu às primeiras análises, que constataram que, "Do ponto de vista científico, o estudo não apresenta elementos suficientes para fundamentar, nem sequer sugerir, tal conclusão" (PÓ e outros, 2015, p. 12). Importa destacar, sobre essa questão, que o documento que sustentava a afirmação, intitulado "Escolas estaduais com uma única etapa

¹ À época, fecharam 155 escolas, que viraram depósitos e Batalhão de Polícia, 400 mil vagas e demitiram cerca de 20.000 professores

² Trata-se do Programa Bom Dia SP, da Rede Globo, que pode ser assistido no seguinte endereço eletrônico: (cf.: <<https://globoplay.globo.com/v/4486989/>>)

de atendimento e seus reflexos no desempenho dos alunos" (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2015), só foi publicamente divulgado graças à ação de um jornal de circulação nacional, que exigiu acesso a ele, fazendo uso do recurso à lei da transparência e acesso à informação (Lei nº 12.527, de 18/11/2011).

Contando com um cenário nacional de prevalência de uma "onda conservadora" (cf. MARTINS, 2016a) em várias áreas, marcada pela redução de direitos, pela defesa despudorada dessa medida, bem como pela mediação das relações sociais pelo ódio e pela violência, características eminentemente fascistas, e depois de derrotar uma das maiores greves do professorado paulista, Alckmin viu-se em condições adequadas para impor o pernicioso projeto de fechamento de escolas. E o fez por meio do Decreto nº 61.672, de 30/11/2015 (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 30/11/2015).

Ao que parece, seguindo na trilha das "jornadas de junho de 2013", que deixaram muitos aprendizados (cf. MARTINS, 2013), os secundaristas responderam à "reorganização" com um movimento de ocupação de escolas inusitado e inovador. Inusitado porque a alegada crise da educação pública paulista, afirmada até mesmo pelo Secretário de Educação à época, que disse ter "[...] vergonha dos resultados [de educação] de SP" (FOLHA DE SÃO PAULO, 25/11/2015), revelava que algo não reconhecido ocorria dentro das escolas no que concerne a certo processo de conscientização política dos estudantes, o que cabe investigar como se desenvolveu. E inovador porque se transcorreu não da forma tradicional de mobilização e organização dos movimentos sociais, mas de uma maneira nova, não hierarquizada, autogestionada, sem a interferência de partidos políticos e mesmo de sindicatos ou centrais sindicais, que se constituem como "movimentos sociais clássicos" (cf. PICCOLOTTO, 2007).

O movimento de ocupação, que começou na capital paulista, alastrou-se pelo interior do Estado de São Paulo e alcançou, segundo a APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), 213 escolas estaduais, sendo que a própria Secretaria de Educação chegou a confirmar 200 escolas ocupadas. A primeira foi a escola estadual Fernão Dias Paes, localizada na cidade de São Paulo, desocupada apenas em 04 de janeiro de 2016, depois de 55 dias e após um mês de suspensão da reorganização pelo governador.

Enquanto o movimento de ocupação ganhava ampla simpatia, a "reorganização" foi rechaçada na mesma medida pela população, que em sua maioria a reprovou: rejeição de 59%, segundo dados de 04/11/15, do DataFolha publicado no Jornal Folha de São Paulo. Isso impactou drasticamente a avaliação de Alckmin em um ano pré-eleitoral, que caiu ao menor patamar durante os quatro mandatos à frente do governo paulista: 28% de aprovação (FOLHA DE SÃO PAULO, 04/12/2016), enquanto nos melhores momentos alcançou 68%. De maneira que, em 05/12/2015, depois de longo processo de repressão aos estudantes por meio da Polícia Militar, "excesso" denunciado amplamente nas redes sociais e que foi reconhecido até pela Ouvidoria dessa instituição estadual, o governador Alckmin suspendeu a reorganização. Ele publicou o Decreto nº 61.692, de 04/12/2015, revogando o de nº 61.672, que

instituiu a reorganização. Ato contínuo, caiu o então Secretário, Herman Voorwald.

Parte disso ocorreu pelo amplo apoio popular que teve o movimento de resistência à "reorganização" proposta por Alckmin, que envolveu não apenas movimentos sociais, partidos políticos de oposição ao PSDB, mas também, deve ser ressaltado, a consistente defesa feita pelo Ministério Público, que conseguiu, inclusive, algumas vitórias na Justiça. E isso foi conquistado pela maturidade demonstrada pela juventude que ocupou as escolas, por meio de um movimento que se espalhou pelo Brasil durante o primeiro semestre do corrente ano, sendo utilizado como instrumento de luta contra as tentativas de diferentes governos conservadores de transformar a educação, de direito humano fundamental, em direito formal, assegurado apenas segundo as condições econômicas dos indivíduos; de bem público, em bem privado, em mercadoria.

Assim, tornou-se quase uma obrigação à Crítica Educativa, neste Dossiê sobre "Educação e movimentos sociais", oferecer aos leitores a possibilidade de conhecer melhor esse movimento e, no caso, pelas palavras de alguns estudantes que ocuparam escolas estaduais na região de Sorocaba/SP.

Reunidos no dia 15/03/2016, no Campus Sorocaba da UFSCar, cinco protagonistas do movimento de ocupação das escolas estaduais na região de Sorocaba foram entrevistados. Eles foram contatados por três discentes de graduação da UFSCar, que tiveram com eles durante o movimento, prestando apoio, e que foram convidados por Marcos Francisco Martins a participar desse processo de entrevista; são eles: Fábio Alexandre Tardelli Filho, Keyla Priscilla Rosado Pereira e Érico Vinícius Fonseca dos Santos.

Em uma mesma sala e com um público formado por 10 alunos(as) do Programa de Mestrado em Educação da UFSCar Sorocaba, cursantes da disciplina "Seminários de Pesquisa: Teorias e Fundamentos da Educação", aos secundaristas foi oferecida a opção de escolherem os nomes fictícios pelos quais seriam tratados, visando ao anonimato necessário, eticamente, em situações políticas como essa e em processos científicos dessa natureza. Os nomes escolhidos foram os seguintes: Luna, em homenagem a uma colega transsexual da ocupação; Leonardo, Marighella, Clara e Tolão. E por esses codinomes foram tratados durante o diálogo, que se desenvolveu orientado por um roteiro previamente elaborado pelos quatro entrevistadores e que previa, basicamente, cinco momentos distintos, quais sejam: orientações e esclarecimentos gerais ao processo de entrevista; as origens das ocupações nas escolas da região de Sorocaba/SP; o desenvolvimento do processo de ocupação; os legados das ocupações; e palavra aberta.

A entrevista se transcorreu sem intervenção do público, bem como dos alunos de graduação que ajudaram a contatar os secundaristas, a produzir o roteiro da entrevista e a transcrever os diálogos.

Ficou evidente que o principal elemento motivador para o processo de ocupação foi, realmente, a indignação com a proposta de fechamento de escolas. Percebeu-se que o significado que as escolas têm no imaginário dos estudantes

entrevistados não se restringe a um prédio em que se desenvolvem processos de ensino-aprendizagem, simplesmente. De fato, "[...] escolas não são apenas prédios"! (cf. ROMÃO, 2015). Elas marcam a história dos secundaristas e estão fortemente presentes na memória deles, daí o apreço que demonstraram ao empregar nos discursos a palavra "amor" pela escola. Deixaram evidente, ainda, que foram motivados pela experiência em curso em escolas que já estavam ocupadas, particularmente as primeiras delas, que se localizavam na capital paulista.

No contexto do mundo atual das novas tecnologias de informação, não poderia ser outro o instrumento de comunicação, senão algum ligado a este universo. E o instrumento principal de comunicação entre os secundaristas que ocuparam as escolas em Sorocaba/SP foi o WhatsApp, pela agilidade que ele possibilita. Isso está bem distante dos jornais, panfletos, cartazes e filipetas empregados preteritamente pelos movimentos sociais de outras épocas, particularmente, pelo movimento operário.

Verificou-se com clareza na entrevista que o apoio docente foi localizado. Alguns se opuseram fortemente, tendo sido depois convencidos do contrário. Outros mantiveram oposição, até mesmo pelo inominável argumento de que o movimento poderia prejudicá-los em relação ao bônus que era oferecido pela Secretaria aos professores. Outros, ainda, apoiaram desde o começo e foram importantíssimos no processo, pela solidariedade demonstrada. Interessante observar, contudo, que os entrevistados reportaram muito apreço pelos docentes, até mesmo por aqueles que não os apoiaram. Na verdade, a relação professor-aluno foi tensionada pelas ocupações, com resultados diferentes em cada local ocupado.

Os discursos demonstram que houve, também, tensionamento da relação aluno-aluno. Problemas que antes já existiam foram aprofundados e outros novos apareceram. Contudo, a forma dialógica que impuseram ao processo de ocupação, parece ter colaborado para a superação de alguns conflitos, os quais passaram ser vistos e tratados de outra maneira, mais democrática.

Isso espelhou o tipo de organização interna das ocupações, que foi marcada pela estratégia da autogestão, com assembleias diárias, nas quais as responsabilidades eram divididas a partir de discussões e encaminhamentos coletivos, sem hierarquização entre os que ocuparam as escolas. Algo próximo das históricas experiências de movimentos anarquistas e, na mesma medida, bastante diferente da dinâmica hierarquizada dos "movimentos sociais clássicos", como os partidos e sindicatos, alguns dos quais, inclusive, orientados pelo chamado "centralismo democrático", uma concepção muito presente em partidos comunistas, segundo a qual as instâncias deliberativas de uma organização, que reúne uma pequena parte dos integrantes, definem a tática e a estratégia da ação, cabendo aos demais militantes a ela se adequar. Diferentemente, os ocupantes das escolas paulistas, coletivamente, decidiam por dividirem-se em "bondes", que são os grupos, como os de limpeza, cozinha, "portão", segurança, recreação, basicamente, e esse tipo de organização possibilitou aos jovens secundaristas experienciarem outras formas de relação

dentro da escola, normalmente distante do dia-a-dia do processo formal de ensino-aprendizagem, recorrentemente orientado pelo formalismo e autoritarismo das pedagogias de tipo tradicional.

Apesar de alguns obstáculos, como as ações do governo estadual, particularmente via Polícia Militar, as ações contaram com diversos apoios, como dos pais e alguns docentes, mas também "externos" à comunidade escolar, como de alguns Coletivos relacionados à juventude, muitos dos quais articulados por partidos políticos, mas não por essa credencial apresentados aos protagonistas das ocupações. Assim, o apoio e a presença de tais Coletivos nas ocupações, parece ter despertado nos secundaristas o desejo de dar continuidade a algum tipo de militância, pois avaliaram a experiência como muito positiva e transformadora de si mesmos.

Há certo consenso entre os entrevistados de que as atividades cotidianas de manutenção do espaço escolar, feitas de maneira coletiva, bem como as atividades de formação, recreativas e culturais, que foram desenvolvidas durante o processo de ocupação, colaboraram, sobremaneira, para a elevação do nível de consciência dos ocupantes, que aprenderam a enxergar a si mesmos, a escola e o mundo vivido de outra maneira. Por isso, quanto mais ficavam na ocupação, mais gostavam, e as ocupações se consolidavam. De fato, "Não foi algo que aconteceu e passou, isso continua vivo na gente o tempo todo" (Luna - entrevistada). Nesse processo, outras escolas passaram a ser ocupadas, num movimento ascendente que só fazia crescer a cada dia e que, talvez, tenha levado o governo Alckmin a aceitar uma das mais surpreendentes e incisivas derrotas políticas que teve.

Entretanto, como legado os entrevistados destacaram que vários casos de opressão e perseguição pós-ocupação ocorreram e ocorrem. Isso se tornou muito evidente logo após a volta à escola, depois das ocupações, pois professores e direção, em alguns casos, trataram de maneira diferente, no sentido negativo do termo, os alunos que ocuparam as escolas. Em alguns casos, a direção interferiu até na eleição do grêmio, procurando evitar que chapas ligadas aos ocupantes não alcançassem sucesso eleitoral.

Além disso, insatisfeito com a derrota, no primeiro semestre de 2016, como denunciou a APEOESP, o governo Alckmin tem procurado impor a "reorganização silenciosa". Por ela, 594 classes foram fechadas no corrente ano, sendo que a denuncia da entidade que representa os docentes é de que até 1.674 salas de aula da rede possam ser fechadas em 2016 (EXAME, 05/02/2016). E todo esse processo tem sido desenvolvido pelo novo Secretário Estadual de Educação, José Renato Nalini, ex-Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP), nomeado apenas dois meses depois da queda do antecessor, Herman Voorwald. Ele não tem qualquer expertise na área, mas poderá empregar o capital político e jurídico que tem no âmbito do Judiciário para garantir legalmente as medidas de Alckmin (MARTINS, 2016b). Contudo, Nalini afina-se, política e ideologicamente, ao neoliberalismo de Alckmin, pois tem se demonstrado um ultraliberal em se tratando dos direitos sociais, tanto

assim que, em artigo publicado no site da Secretaria, chegou a excluiu a educação entre os deveres do Estado (NALINI, 2016).

Em síntese, o vitorioso movimento de ocupação das escolas deixou marcas, legados, aprendizados, os quais precisam ser investigados, devidamente conhecidos. A leituras das linhas a seguir podem ajudar os interessados nesse processo.

Entrevista

[Recepção dos alunos, apresentação dos presentes e diálogo sobre as orientações gerais e informações sobre o processo de pesquisa]

Marcos Francisco Martins: Porque vocês ocuparam as escolas?

Marighella: Pra mim, particularmente, o processo de ocupação começou por motivação das ocupações de São Paulo e também pela preocupação e pelo grande amor pela escola na qual eu estudo. Pela galera, especialmente pelo ensino fundamental, que deixaria de ser na minha escola por conta da reorganização. Então, vendo a luta acontecendo em São Paulo, toda repercussão com os estudantes de lá, nós nos colocamos no lugar deles, especialmente por ter esse amor à escola e vê-los demonstrando o amor pela escola deles.

E também pelo medo de o governador parar com o que foi construído [até então] e para ter uma história para se contar sobre a escola. Eu estudo na mesma escola há sete anos e eu ficaria muito triste por uma criança que começou lá no ensino fundamental não poder ter essa mesma história, de chegar e contar: “Eu estou há sete anos nessa escola, vou completar oito aqui dentro”. Resumindo, foi justamente o amor que eu tenho pela minha escola e o fato de eu me colocar no lugar das outras pessoas que estavam lutando para que isso acontecesse, para que o amor pela escola permanecesse... e o desejo de continuar lá e de criar e contar uma história dentro da escola. Foi bem motivador ver a luta das pessoas em São Paulo e o amor pela escola que eles têm, que é muito grande também.

Clara: Para mim começou com a indignação. Eu vi tudo o que estava acontecendo e o que o governador queria fazer, quais eram os argumentos absurdos dele, aí eu me senti na necessidade de tentar fazer algo. A Selma³ foi a última escola a ser ocupada e eu estava vendo a luta dos outros... e então eu pensei: “Eu tenho que fazer alguma coisa.”. Apesar de a minha escola ser perigosa, de bairro, e as pessoas não ajudarem muito, eu me senti uma necessidade mesmo; então, o que me motivou foi isso: a indignação e as outras escolas ocupadas.

Luna: Bom, eu, a princípio, quando escutei pela primeira vez sobre a reorganização, foi dentro da sala de aula. A diretoria não nos informou. Ficamos sabendo pelo noticiário mesmo, e, na sala, o pessoal falava: “Ah, vão reorganizar as escolas, vão separar fundamental do médio”. Até então, quando eu escutei eu

³ Trata-se da escola estadual Profª. Selma Maria Martins Cunha, que se localiza na cidade de Votorantim/SP

pensei: “Ah, isso até pode ser bom, podem desenvolver um trabalho com a escola inteira.”. Mas, na verdade, eu não estava entendendo o que estava acontecendo. Aí, passado um tempo, eu participei de uma reunião onde conheci mais sobre isso e fiquei sabendo que não era apenas para mudarmos de escola, era para fechar salas, para sucatear de vez com a educação; entendeu? Era sobre você tirar do aluno o direito de escolha, entre estudar aqui ou ali. E o Ezequiel⁴, a escola onde eu estudo - eu morava na rua de cima da escola desde que eu nasci -... eu sonhava em estudar ali.

Eu tinha um amor por aquela escola, pois minha tia foi professora lá, até 2010, e uma outra tia foi diretora. Então, eu sempre tive uma ligação muito forte com essa escola, e, de repetente, eu soube que todas as pessoas que estavam lá por este mesmo amor não poderiam mais estar lá. Elas teriam que ir pro Bierrenbach⁵ e outras do Bierrenbach teriam que ir para o Ezequiel. E, essas coisas de escola de bairro... é algo que não dá pra mexer. O Ezequiel e o Bierrenbach são escolas que têm certa “rixa”, é uma coisa antiga, por conta de futebol e interclasses. Mas é algo que permanece até hoje e, querendo ou não, é algo que os alunos levam em consideração essa identidade de estudar no Bierrenbach ou no Ezequiel.

Então, conforme eu fui conhecendo melhor esse assunto, eu entendi que não era só mudar de escola e que, de fato, iria piorar a vida de muitos alunos, de que haveria mães que não teriam horário para levar o filho mais novo e pegar o filho mais velho em escolas diferentes. Tanto que, quando nós ocupamos o Lauro Sanchez⁶, que foi a primeira escola ocupada aqui em Sorocaba, eu senti isso. Eu vi as mães chegando e falando: “Como eu vou levar o meu filho mais novo? Eu teria que levá-lo pra outro bairro.” e etc. Então, foi essa questão mesmo, de empatia, porque a minha vida não iria mudar, eu estou no Ensino Médio e iria continuar na mesma escola, no Ezequiel. Mas não é só a minha vida que importa. Como o colega disse, a gente tem que ter isso, o amor pelos outros. E é isso! Eu ocupei as escolas, eu ocupei a DE [Diretoria de Ensino] porque era algo muito maior do que a minha causa, era uma causa de todo mundo, de todos os alunos.

Leonardo: Bom, nós [ele e Luna] fazemos parte de algumas entidades do movimento estudantil e a princípio a gente começou a se mobilizar por causa da capital. Nós vimos o sucateamento de lá e o pessoal sofrendo com a repressão da polícia dentro das escolas, e foi então que nós decidimos ocupar o Lauro Sanchez e foi muito foda! Foi muito emocionante. Nós fomos vendo o porquê o Alckmin queria fazer isso, com ideias banais de que ele iria ajudar a pessoas, e na verdade ele iria afastá-las do contato que elas tinham umas com as outras. As pessoas de bairro vão para o centro porque elas não têm outra opção, a escola de bairro é sucateada. Vendo isso, as pessoas que escolheram ir para as escolas do centro teriam que ir para as escolas de bairro, que são ainda mais sucateadas,

⁴ Refere-se à escola estadual Prof. Ezequiel Machado Nascimento, localizada em Sorocaba/SP.

⁵ A entrevistada menciona a escola estadual Prof. Júlio Bierrenbach Lima, de Sorocaba/SP.

⁶ Escola estadual Lauro Sanchez, de Sorocaba/SP.

isso poderia prejudicar os estudantes. E foi por isso que nós tivemos a ideia de ocupar o Lauro.

Marcos Francisco Martins: Como vocês tiveram informação sobre aquilo que estava acontecendo em São Paulo?

Marighella: [complementação à pergunta anterior] A colega [Clara] falou de indignação, eu vou usar uma palavra mais forte: o meu sentimento foi o de revolta mesmo. Eles estavam querendo, de maneira falsa, mudar a escola, que já estava ruim, para algo pior, dizendo que a mudança era boa. A gente acaba até falando que "ir pra escola é um saco", porque a escola acaba não oferecendo algo interessante, que prenda o aluno, algo que motive. Como já foi comentado pelo colega, eu, ele e a Luna participamos de alguns movimentos sociais, como o Levante Popular da Juventude⁷, que nos trouxe a informação. Mas além deles, também tivemos acesso pela Internet, por vários meios de comunicação que estavam divulgando, como o Facebook, o Whatsapp.

Luna: Com relação aos meios de comunicação, eu sou Diretora de Mulheres da USES [União Sorocabana dos Estudantes Secundaristas], e a UPES [União Paulista dos Estudantes Secundaristas] sempre passa informações para gente, tanto que eu estou em contato direto com o que está acontecendo em São Paulo por meio do WhatsApp. Nele nós temos grupos da UPES, da USES, de toda região de São Paulo. Então, nós temos toda essa troca de informação constantemente, e foi assim que foram chegando as notícias e as "ordenadas", do tipo: "Olha, vocês vão ocupar uma escola, então cuidado com isso e isso...". Então, foi por meio de nós mesmos, sabe!? Não foi a direção que chegou pra gente e conversou, nós ficamos sabendo por nós.

Marcos Francisco Martins: E sem essas novas tecnologias, o que vocês acham que aconteceria?

Marighella: Mesmo que chegasse por carta nós iríamos nos revoltar, naturalmente, porque quando você pensa mesmo na situação do professor, você fica indignado junto.

Luna: Nós ficamos sabendo no final de outubro, ocupamos no dia 14 de novembro, se não me engano, e, se não tivéssemos ficado sabendo dessa maneira, se não tivéssemos ocupado as escolas e a reorganização tivesse acontecido, ou estivesse acontecendo - quer dizer, ela está acontecendo, de maneira escondida, mas está acontecendo -, nós iríamos entender isso agora e nós tomaríamos providências. E até agora nós estamos tomando providências, mesmo sem ocupar. E eles não têm argumentos contra a gente; sabe?! Nós só queremos educação, nós queremos o nosso espaço, então, mesmo que não tivéssemos sabido antes, por WhatsApp e afins, nós estaríamos fazendo a mesma coisa agora, as ocupações.

⁷ "O Levante Popular da Juventude é uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade. SOMOS A JUVENTUDE DO PROJETO POPULAR, e nos propomos a ser o fermento na massa jovem brasileira. Somos um grupo de jovens que não baixam a cabeça para as injustiças e desigualdades. A nossa proposta é organizar a juventude onde quer que ela esteja. Deste modo, nos organizamos a partir de três campos de atuação: Frente Estudantil, Frente Territorial e Frente Camponesa." (Disponível em: <<http://levante.org.br/#about>>. Acessado em: 02/06/2016)

Marcos Francisco Martins: E para ocupar, vocês fizeram uso dessas ferramentas [internet, WhatsApp]?

Luna: Sim, e nós tínhamos que tomar muito cuidado, pois vazavam informações.

Leonardo: Havia muita mobilização a partir do WhatsApp.

Clara: Eu soube por uma professora minha, de Português, que deu uma aula sobre o que estava acontecendo. Mas, uso de WhatsApp, na minha escola não teve.

Luna: Na minha escola usamos e, antes da ocupação, fizemos um grupo no WhatsApp para saber quem nos daria apoio.

Marighella: Na minha escola tínhamos 40 grupos de WhatsApp, porque a ocupação da nossa escola derivou de duas lindas manifestações de rua, duas manifestações totalmente de caráter estudantil.

Marcos Francisco Martins: E como surgiram esses 40 grupos?

Marighella: A ocupação da nossa escola não aconteceu de repente. Teve todo um processo que começou antes mesmo de pensarmos em ocupar. Quando nós soubemos da reorganização, ficamos indignados e fizemos duas manifestações, que até nos surpreendeu, porque começamos tudo com uma mensagem, que na época resumiu o período todo, que foi de alguém dizendo: “E aí, a vamos fazer alguma coisa? Não mexer na nossa escola”. E isso numa escola que tinha bastante encrenca, que tem mesmo um choque de realidade muito grande entre as duas escolas do bairro. E isso, outras pessoas podem falar melhor, mas eu lembro bem que, durante a minha infância, tinha uma rixa muito grande entre duas escolas de centro [do município de Sorocaba/SP], o Estadão⁸ e o Padilha⁹, de o pessoal se encontrar no centro da cidade e sair confusão.

Marcos Francisco Martins: E nas manifestações, Estadão e Padilha se encontraram?

Marighella: Não, pois essas manifestações aconteceram na Zona Norte [ZN]. Eu mandei mensagem para um amigo de outra escola da ZN, que não era tão vinculada com a minha, dizendo: “E aí, tão querendo unir a gente, e a gente não quer se unir.”. Porque nós tínhamos o nosso jeito, os nossos costumes, e então nós decidimos: “Vamos fazer alguma coisa.”. A partir daí fomos criando os grupos do WhatsApp, de todas as salas das escolas, e começamos a conversar. Enviávamos áudios em todos esses grupos e na primeira manifestação tivemos por volta de 200, 300 jovens, já na segunda havia 1500 estudantes na rua. Tudo através de uma mensagem de WhatsApp, que foi se espalhando e que através dela foram criados vários grupos e muitas pessoas ficaram sabendo.

Marcos Francisco Martins: Então, de todas as ferramentas, o WhatsApp foi o mais utilizado?

⁸ Esse é o nome popular utilizado para se referir à escola estadual Prof. Dr. Júlio Prestes de Albuquerque, localizada no município de Sorocaba/SP.

⁹ Refere-se à escola estadual Antonio Padilha, de Sorocaba/SP.

Luna: Sim, e como o colega falou, houve várias manifestações, e foi exatamente isso que aconteceu no Lauro [Sanchez]. Eu encontrei com meus amigos no Terminal e fomos para lá fazer uma manifestação. Começamos com as palavras de ordem e, na hora, decidimos ocupar. Por um segundo que a inspetora abriu uma brecha no portão, todos os alunos entraram, todos se mobilizaram e todos entenderam a causa, e era isso que nós precisávamos.

Na minha escola, no Ezequiel, nós pretendíamos ocupar a escola no dia do SARESP para boicotá-lo, especialmente pra dar um recato pro Estado, né?! Uma vez me disseram que, no SARESP, se são 50 perguntas e você acerta 20, a nota já vem muito alta pro Estado, já vale muito pra escola, então nós queríamos boicotar isso. Então nós ocupamos na quarta-feira, mas só 6 alunos me ajudaram a ocupar a escola, sabe?! Ficaram seis alunos sentados no centro do pátio da escola para ocupar o Ezequiel.

E nós escutamos de professores, de pessoas que eu, de fato, sempre admirei, por eu ter uma paixão muito grande por isso [pela profissão], pelo fato de a minha família inteira ser da área, e escutamos de professores: “Mas vocês não tem nada a ver com isso, vocês são do terceiro ano, o que vocês estão fazendo aqui? Vocês já terminaram, então xô, parem com isso!”. Então, é muito complicado pra manter a mobilização, exatamente por isso. E é exatamente isso que ele disse do WhatsApp, você tem que ir mobilizando de um por um, senão não vai pra frente.

Marcos Francisco Martins: Leonardo e Clara, vocês também tiveram contato com outros alunos de outras escolas por meio do WhatsApp?

Clara: Foi, até por uma iniciativa para ocupar. Como eu havia dito, a minha escola foi uma das últimas a ser ocupada, então eu perguntei pro Mariguella: “Mariguella, como que é, como faz, eu tô perdida?”. Então, nós conversamos muito sobre isso, eu conversei com outras pessoas que haviam ocupado também.

Marcos Francisco Martins: E como vocês se encontravam com essas pessoas?

Clara: Houve reuniões.

Marighella: Eram assembleias onde nos encontrávamos em alguma escola para decidirmos o que iríamos fazer.

Luna: Fizemos uma assembleia no Lauro, logo depois que ocupamos o Ezequiel, e foi todo mundo, de todas as escolas, pelo menos um representante ou dois, pra nós decidirmos qual seria a próxima ação, se iríamos ocupar outra escola, se ocuparíamos a DE, etc.

Marighella: Antes dessas reuniões também houve alguns encontros, mas acho que faltou um pouco de comunicação das escolas do centro com as escolas da ZN até o dia em que fizemos o ato da quinta-feira. Nesse dia eu chorei muito, fiquei muito feliz, pois foram 1500 alunos na frente de uma escola ocupada, tomada pelos alunos, e começaram a chamar os alunos que estavam lá dentro.

Foi no Lauro Sanchez, nem sabíamos, olhamos para a Avenida e os alunos manifestantes decidiram ir até lá dar um apoio aos ocupantes do Lauro.

Marcos Francisco Martins: Então vocês buscaram informações entre vocês e, de fora, vinham as informações pelos meios de comunicação e desses movimentos sociais, como o Levante, por exemplo?

Luna: O Levante, a UJS¹⁰..

Marcos Francisco Martins: Foram eles que passaram informações para vocês sobre como a escola seria ocupada?

Luna: Na verdade nós fomos pegando uma certa “prática”. Depois de ocupar o Lauro, como lá foi no boca a boca, no “vamos? Vamos!” e ocupou. Aí pedimos pro pessoal mesmo: “Poxa, você pode pegar um cadeado na sua casa? Você pode buscar corrente?”... pra colocar nos portões, e foi assim, no boca a boca mesmo. No Ezequiel nós fizemos um mapa da escola para saber onde precisava de cadeado, como fechava a cantina, então nós fomos nos preparando antes e pegamos certa agilidade. Então foi mais uma questão de aprendizado mesmo, entre eu e meus amigos, foi na prática.

Marcos Francisco Martins: E vocês se inspiraram, sobretudo, no pessoal de São Paulo, das ocupações? Ou houve outras inspirações?

Marighella: Com relação ao pessoal de São Paulo não foi uma inspiração em si, foi uma questão mais motivacional, que nos deu energia. E sobre como ocupar as escolas, na minha escola e nas que eu participei não houve toda essa organização, foi feito de acordo com a disposição e disponibilidade do pessoal. A minha escola mesmo foi ocupada às 4hrs da manhã. A caseira veio abrir a escola para a faxineira e, como ela abria o portão e voltava a deitar, por ser muito cedo, nós aproveitamos, então, para entrar na escola. Apenas tiramos os cadeados e colocamos outros. Mas acho que foi muito de escola pra escola, de aluno pra aluno e de participação pra participação. Não havia um tutorial de como ocupar as escolas.

Marcos Francisco Martins: Vocês adquiriram a prática, então, e não tiveram grandes inspirações?

Luna: Olha, nós nos inspirávamos em nós mesmos, sabe?! Essa menina mesmo [a trans], que no momento estou usando o nome dela... São pessoas que já estavam na luta. Então eu ouvia essas pessoas conversando e eu achava muito bonito,... então você acaba se envolvendo. Tanto que eu conhecia o movimento, mas não fazia parte dele, pois não era o foco da minha vida, e agora eu percebo o quanto nós crescemos com isso, porque eu era uma pessoa totalmente diferente ano passado [antes das ocupações]. Então foi mais uma questão de nos inspirarmos em nós mesmo, de vermos um caminho. Eu lembro de dias em que precisávamos virar a noite no Lauro [Sanchez] e precisávamos fazer vigília. Teve

¹⁰ União da Juventude Socialista, entidade ligada ao PCdoB. As finalidades dessa organização podem ser encontradas no Estatuto da organização: "Art. 2º - A UJS é uma organização de jovens, principalmente oprimidos e trabalhadores, que atua compreendendo e respeitando a diversidade da juventude. Para tanto, busca contato com todas as manifestações juvenis, desde que não firam seus princípios." (Disponível em: <<http://uj.s.org.br/index.php/sobre-a-uj.s/estatuto/>>. Acessado em: 2/3/2016)

um dia que uma turma do Lauro foi dormir em casa e, cedinho, fomos todos para lá, e um dos meus amigos estava muito doente, com a garganta fechada, por ter virado a noite na ocupação. Aí voltamos até a minha casa para pegar remédios. Então foi nisso, em um ir cuidando do outro, em irmos vendo em quanto isso afetava na vida do outro, que nós fomos crescendo e o movimento se tornou tão forte que conseguimos fazer o governador retroceder.

Marcos Francisco Martins: Entendi. Em algumas ocupações os alunos disseram que chegaram a ter contato e a conhecer aquele processo de ocupações que houve no Chile, conhecida com a Revolta dos Pinguins...

Luna: Ah, sim, nós assistimos o documentário.

Marcos Francisco Martins: Assistiram ao documentário durante a ocupação?

Luna: Sim, durante a ocupação. Quando desocupamos todas as escolas e migramos todos para o Padilha/Diretoria de Ensino, neste momento, quando estavam todos lá, nós fizemos muita coisa. Então, quando passamos este documentário, foi um evento bem grande, havia muita gente. O Padilha foi o melhor momento por estar todo mundo junto, trocando experiências. Tanto que ele [Mariguella] falou, eles ocuparam às 4 horas da manhã, foram no “vamos? Vamos!” e foram ver, e foi. Eu não, eu me programei, eu sabia como era a burocracia da minha escola, como era a diretora. Foi nisso, nós fomos trocando informações, tanto que todos mantêm contato até hoje, nós não nos separamos. Não foi algo que aconteceu e passou, isso continua vivo na gente o tempo todo.

Marcos Francisco Martins: E assim, o que vocês planejaram, conseguiram executar?

Luna: Sim!

Marcos Francisco Martins: Vocês falaram assim: “Vamos quebrar o cadeado”, chegaram lá e quebraram?

Marighella: Quebrou!

Marcos Francisco Martins: Disseram: “Vamos entrar!”, chegou lá e entrou?

Marighella: Não, houve dificuldade. Chegamos para quebrar o cadeado e ninguém sabia quebrar o cadeado. Aí tinha o mais forte do grupo e usou o pé de cabra até quebrar [o cadeado].

Marcos Francisco Martins: E o que vocês planejaram, conseguiram fazer?

Luna: Eu não planejei bem assim [quebrar o cadeado]. Foi planejado de outra forma e eu consegui fazer as coisas que planejei. Foi uma sensação maravilhosa, eu me senti meio espia. Porque havia a porta principal do Ezequiel [Machado] e havia um molho de chaves com todas as chaves da escola. Ai eu falei [para um colega de escola]: “Caique encosta aqui.”. E ele encostou; nós pegamos, viramos e saímos. Tudo o que nós programamos para ocupar o Ezequiel Machado e se manter lá deu certo.

Clara: No Selma houve três tentativas de ocupação. E nas três houve presença de policiais [militares] com cinco ou seis viaturas. O diretor resistiu bastante, só

que nós continuamos tentando da mesma forma. Na primeira vez, o que não deu certo foi que nós passamos do horário: a escola abria às sete e nós chegamos às oito horas, e já fecharam [os portões da escola]... nos avisaram: “Não vai” [ocupar]. Na segunda vez chamaram a Polícia Militar em umas seis viaturas. A diretora de educação e os nossos pais nos reprenderam [estudantes que tentaram ocupar]. Na terceira tentativa, entramos de madrugada na escola, cortamos os cadeados, as correntes e tentamos abrir algumas portas e colocamos nossas coisas. Quando o pessoal da limpeza chegou e depois os professores, nós avisamos: “Já está ocupado e ninguém entra mais, só aluno”.

Luna: Uma delícia falar isso!

Clara: Foi bem difícil, mas valeu a pena.

Marighella: Uma diferença. A minha escola em particular nós não tivemos isso de impedir os professores de entrar, justamente pelo sentimento de afeto.

Clara: Na minha escola não eram todos os professores que apoiavam; na verdade, era uma minoria. É por ser uma escola de bairro, com uma favela bem na frente da escola, os professores... e eu acho que foi isso!..., eles ficaram preocupados por nós dormirmos lá. E aí eles não nos apoiaram muito.

Marighella: Como eu falei no começo, esse sentimento de amor pela escola não é uma coisa que não tinha só dentro de mim. Havia isso nos meus companheiros de escola e o relacionamento com professores, que era muito bom. Mais do que professores e alunos, além desse relacionamento profissional, nós tínhamos uma grande proximidade e esse paradigma é bem quebrado. Nós conseguimos expor aos nossos professores as nossas dificuldades, e isso facilitou muito na ocupação, mesmo todos [os professores] sendo inicialmente contra. Mas nós abrimos as portas da escola para ouvirmos eles, que são nossos professores.

Marcos Francisco Martins: Entendi! Em cada escola teve uma reação e uma relação diferente...

Luna: Isso!

Marcos Francisco Martins: Gostaria de parar um pouco só para receber nosso colega, Tolão, da ocupação do Antônio Cordeiro¹¹. [...] Estamos fechando a primeira parte da entrevista e seus colegas estavam comentando sobre as dificuldades que enfrentaram em algumas escolas. Eles já mencionaram que tiveram dificuldades em algumas escolas com alguns professores, tiveram dificuldades com a polícia... então, eu gostaria que você me falasse sobre essas dificuldades: tiveram dificuldades com os pais, com os professores... Que dificuldades vocês enfrentaram nesse processo de ocupação?

Tolão: Bom, na verdade, a maior dificuldade que nós tivemos foi em integrar o pessoal da comunidade. Eles arrumavam muita confusão com a gente, porque eles achavam que, porque nós havíamos ocupado, eles poderiam entrar na escola e fazer o que quisessem nela. Então, a partir disso, nós criamos uma

¹¹ Escola estadual de Sorocaba/SP.

espécie de horário para que a turma da comunidade entrasse na escola, almoçasse com a gente e participasse das atividades e, às 20 horas, quando fechássemos a escola, eles fossem embora. Só que, por conta desse horário, muitos caras da comunidade começaram a querer passar a noite na escola, pessoas que queriam aproveitar o espaço da escola mesmo. Então, tivemos essa confusão. Houve o diálogo, até por eu ser da comunidade dessa escola que a gente estava ocupando, mas, o problema foi esse, com o próprio pessoal da comunidade.

Marcos Francisco Martins: E você, Leonardo, que tipo de dificuldade você teve nesse processo de ocupação?

Leonardo: Nós tivemos bastante dificuldade no Ezequiel com os próprios estudantes. Teve um estudante que, quando nós fechamos o portão da frente, ele começou a chutar o portão..., ele descarrilou todo o portão, dizendo que ele queria sair da escola, sendo que ele poderia ter saído 10min depois, quando nós abrimos o portão para todo mundo sair. Mas a própria comunidade ajudou bastante, parentes da Luna também ajudaram...

Luna: O colega comentou sobre os professores e, realmente, tiveram professores que nos ajudaram, foram maravilhosos, lindos, que acompanharam todo o processo, e também houve outros que eram totalmente contrários. Mas teve um professor, em especial, que foi um caso muito interessante... quando nós ocupamos a escola, ele colocou uma cadeira em frente ao portão, dizendo que estava ali para receber os trabalhos dos alunos. Então, nós dissemos pra ele: “Não, professor, nós recebemos pro senhor e guardamos.”

E nós fizemos isso: pegamos uma caixa e colocamos todos os trabalhos [que os alunos iam entregar na escola], marcamos todos os nomes de quem os entregou e deixamos para entregar para a direção quando desocupássemos. Mas ele fez isso, colocou a cadeira em frente ao portão e ficou lá, nos xingando, nos chamando de desocupados, falando que isso não podia acontecer etc. Nesse mesmo dia, um professor daqui [da UFSCar] foi até o Ezequiel e fez um debate com a gente.

Eu não me lembro o nome dele... mas ele fez um debate muito delicioso, foi o primeiro debate depois de nós termos ocupado, pois foi no dia que nós ocupamos, na quarta-feira, e foi essa primeira relação [atividade] que tivemos no Ezequiel e pra mim foi muito importante. Foi nossa primeira atividade, eu fiquei muito empolgada, chamei todo mundo, minha família inteira... [risos]. E, nisso, esse professor pediu para entrar. Ele pediu pra entrar, sentou e começou a entender a causa, e concordou com a gente, e mudou totalmente o pensamento dele. Então nós conseguimos desconstruir esses conceitos, sabe?! Os professores que estavam totalmente contra, chegaram dizendo: “Não, então dá pra conversar.”. Esse professor mesmo, eu até falei para ele: “Mano, não foi com você que eu tive aula.” Porque antes ele estava totalmente “reaça” e, no momento do debate, ele entendeu a causa, dizia: “Poxa, vocês têm razão nisso!” etc. Outros professores também, que estavam contra, me disseram: “Luna, não

ocupa no dia do SARESP porque vai dar confusão, porque tem professor preocupado com o bônus.”

Mas eu sabia que tínhamos que boicotar o SARESP, sabe?! Então, vários professores não ficaram muito felizes com isso... Mas, depois, muitos foram até a escola [já ocupada], pediram pra entrar, ver a quadra, ver o prédio inteiro, acompanharam nossa cozinha... Então, muitos deles tentaram se comunicar depois, sabe?! E esse ano também, ao chegar na escola eu tive muitos problemas, muitos deles estavam de cara virada para mim, mas, como eu escutei também de vários professores, ninguém podia falar nada...

Marcos Francisco Martins: Mas cara virada de quem, professores ou alunos?

Luna: Professores, e a própria direção da escola. A direção do Padilha, por exemplo, está até hoje assim com os alunos. Eu achei que eu seria recebida muito mal mesmo, mas alguns professores chegaram e conversaram: “Caramba, Luna, o que você fez foi muito importante.”. E quando falavam das ocupações, diziam: “Minha aluna tá lá”, sabe?! Então, eles entenderam que não estávamos lá por bagunça, porque eles conheceram o nosso ambiente na escola [ocupada]. Foi totalmente diferente, mas também foi totalmente maravilhoso, sabe?! Agora nós trazemos isso toda hora nas nossas vidas...

Marcos Francisco Martins: Clara, você destacou que a PM foi a maior dificuldade de vocês?

Clara: Na verdade não. A comunidade não ajudou, os pais não ajudaram...

Marcos Francisco Martins: Quando você diz “comunidade”, o que é?

Clara: A vizinhança no geral.

Tolão: Acho que falar da comunidade em si é um pouco ruim, porque a comunidade ajudava com muita coisa, por exemplo: conseguimos alimentos com ajuda da comunidade da escola... O problema foram algumas pessoas que, não sendo bem aceitas pela sociedade, acharam que, por nós estarmos fazendo a ocupação, nós também não os aceitaríamos, sabe?! Meninos que já eram recriminados dentro da escola e que pensaram que, dentro da ocupação, seria a mesma coisa, que não os deixaríamos entrar, que iríamos arrumar confusão com eles... Mas, em dado momento, eles perceberam que não era bem assim, que nós queríamos que eles fechassem [colaborassem] com a gente, que nos ajudassem a cuidar da escola que faz parte do bairro deles.

Clara: Nós também tivemos problemas com professores, que ameaçaram fazer Boletim de Ocorrência caso não pudessem dar aulas, com as pessoas da rua, que gritavam para nós, quando passávamos na rua, que estávamos na escola fazendo bagunça, com a polícia... Enfim, com tudo. Nós só conseguimos comida com professores de fora, que não eram da nossa escola. Lá nós não tivemos ajuda nenhuma, só dos alunos mesmo...

Marighella: Eu gostaria de citar uma coisa, que a colega comentou e me fez lembrar, e é uma crítica que eu faço até hoje à minha escola e a todo sistema

educacional do Estado... Sobre o professor, que colocou a cadeira em frente ao portão para receber os trabalhos dos alunos... Uma coisa que ficou muito evidente durante esse período foi que os professores, pelo menos os que estavam ao nosso redor e foram bem contra [as ocupações], nunca prezaram pela tal da preciosa autonomia, da qual eles tanto falam para os alunos, ou do senso crítico, porque, quando eles viram isso [as ocupações] acontecendo, viu, de verdade, o aluno se empoderando num espaço que é seu, ficaram desesperados para que aquilo acabasse. Não viam a hora que tudo acabasse. Quando viam, de verdade, o aluno falar: “Olha, isso aqui é meu espaço.”. Acho que pensaram: “Poxa, acho que eu consegui o que eu queria fazer, mas eu não queria que acontecesse dessa forma, queria de outro jeito”.

Marcos Francisco Martins: Outra coisa que eu queria saber de vocês é que, nesse processo de ocupação, vocês se organizaram de alguma forma, não é mesmo?! Como foi a organização de vocês, dentro das escolas? Como vocês começaram a tratar a ocupação no dia a dia? Como foi a organização interna de vocês?

Luna: Nós tínhamos setores. Nós separávamos entre cozinha, limpeza e portão. Então, classificávamos quem iria cozinhar, quem iria cuidar da limpeza, que envolvia limpar os banheiros, deixar os “dormitórios” [no caso, eram as salas de aula] em ordem, e no portão sempre ficava alguém para receber quem pudesse chegar. Ficávamos na vigia e na cozinha ficavam outros organizando a comida que nós recebíamos. E o pessoal da cozinha não ajudava apenas cozinhando, mas providenciando outras coisas, ajudando o tempo todo.

A limpeza também envolvia lavar a louça, lavar os banheiros, o pátio... Nossa, nós deixamos o pátio limpo e maravilhoso [risos]. Então, nós tínhamos essas três comissões, no Ezequiel e no Lauro, que eram limpeza, cozinha e portão, e isso nos mantinham organizados, sabe?! Por que se ficássemos deixando para depois, não daria certo... Tinha hora pra almoçar, pra limpar, pra depois participar das atividades, até porque tudo deveria estar limpo para que elas acontecessem.

Marcos Francisco Martins: Havia algum momento que vocês paravam para discutir isso, quem ia fazer o quê?

Luna: Sim, sim. No Ezequiel nós tínhamos reuniões diárias, fazíamos assembleias ou durante a manhã, mas nem sempre era possível, mas todos os dias durante à noite, quando nós fazíamos um levantamento do nosso dia, o que achávamos que tinha dado certo, o que estava errado, o que precisávamos para o dia seguinte, etc. Nós nos reuníamos o tempo todo no pátio e discutíamos como tudo seria organizado.

Marcos Francisco Martins: Tolão, foi assim também lá?

Tolão: Então, acho que em todas as escolas foi mais ou menos assim. Pra todos os professores e outros que não acreditavam nos alunos, essa foi uma organização máxima, porque no Antônio Cordeiro tínhamos duas reuniões; uma

pela manhã, para saber quais seriam os bondes... Porque na nossa escola nós chamávamos assim, “bonde”, “bonde” da limpeza, “bonde” da cozinha...

Marcos Francisco Martins: O que é “bonde”?

Tolão: Os grupos, os “bondes” [risos]. Então, tinha o bonde da limpeza, o bonde da segurança, tinha a turma que ficava na recreação, porque a comunidade sempre estava por lá, ajudava no futebol, todo tipo de coisa.

Luna: Essas comissões não foram diferentes nas escolas, todas acabaram fazendo do mesmo jeito. O Sr. [Marcos Francisco Martins] perguntou se nós seguimos alguma coisa... então, isso foi algo que nós seguimos, que nós percebemos que dava certo, então mantivemos assim.

Tolão: E eu creio que foi um consenso em comum; né?! Porque não havia uma base de como ocupar uma escola. Na ocupação do Antônio Cordeiro, até chegar algum coletivo que acompanhasse a gente, não tinha como eles nos acompanharem todos os dias, eles só acompanhavam para ver como nós estávamos organizados.

Marcos Francisco Martins: O que você chama de coletivo, que você disse que acompanhou vocês?

Luna: A UJS, o Levante Popular...

Tolão: O Domínio Público¹² também ajudou... São coletivos que, de fora da escola, nos davam apoio. E, acho que esse foi um consenso em comum dos alunos, eles acabaram pensando da mesma forma [com relação à organização].

Marighella: Os coletivos tiveram uma importância fundamental e eu nunca vou me esquecer. E vou destacar mais uma vez a importância de dois desses coletivos que nos ajudaram muito, que foram a JPT¹³, a Juventude Metalúrgica¹⁴, que, talvez pela condição que eles tivessem, conseguiram dar uma estrutura muito boa dentro das escolas, conseguiu ajudar com alimentos, com botijão de gás, conseguiram dar toda uma base para que nós conseguíssemos nos manter. Foi muito bom.

¹² Este é um Coletivo que atua no PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) e se articula a partir de 3 ramificações determinadas por identidades específicas: "Coletivo de Negras e Negros Raízes da Liberdade", "Coletivo Feministas Rosa Lilás" e "Coletivo LGBT Cores". No site deste movimento, encontra-se a seguinte auto-descrição: "O COLETIVO DOMÍNIO PÚBLICO é um coletivo de movimento estudantil e social criado em 2006 que atua nas escolas e universidades dos locais onde está presente. A nossa luta é pela garantia de direitos das pessoas mais oprimidas na sociedade, lutando ao lado da classe trabalhadora e pobre. Compomos o movimento estudantil na Frente de Oposição de Esquerda, campo dentro da União Nacional dos Estudantes (UNE), que é contra as políticas neoliberais que os partidos da ordem tem implantado no Brasil." (Disponível em: <<http://www.coletivodominiopublico.com/#!sobre/ivfiy>>. Acessado em 01/06/2016)

¹³ Refere-se à articulação Juventude do PT (Partido dos Trabalhadores), cujas informações podem ser encontradas no site do partido: <<http://www.pt.org.br/secretaria/juventude/>> (Acessado em: 01/03/2016).

¹⁴ Trata-se da Juventude Metalúrgica de Sorocaba e Região, articulada junto ao Sindicato do Metalúrgicos, que no site que mantém, informa o seguinte: "O Coletivo de Juventude do SMetal foi formado em 2004 para fomentar o debate de jovens metalúrgicos a respeito de temas como educação, emprego, qualificação profissional, acesso ao transporte público gratuito para estudantes, lazer e cultura, entre outros. Desde então, o coletivo se engajou em movimentos sociais de jovens em Sorocaba e no país e tem ampliado seu público para interessados de vários setores da sociedade." (Disponível em: <<http://www.smetal.org.br/juventude>>. Acessado em: 02/06/2016)

Marcos Francisco Martins: Foi assim também lá em sua escola, Clara?

Clara: Nós conseguíamos mais a ajuda dos pais, principalmente.

Luna: Nós tínhamos uma “arrozeira” [panela elétrica de arroz], que uma mãe de um aluno nos trouxe...

Clara: Lá nós também nos dividimos em comissões, de segurança... Nós tínhamos turnos à noite, porque, por ser um bairro perigoso, durante o final de semana era difícil, pois o pessoal queria entrar na escola para usar drogas lá... Então, nós precisamos conversar bastante, explicar que o que estávamos fazendo lá era algo diferente [do que o pessoal poderia estar pensando]. Tinha também a comissão da limpeza, com a qual conseguimos arrumar um negócio de bananas, que estava na escola desde quando eu entrei lá, e as meninas da limpeza nunca haviam limpado, e também havia a comissão de alimentação. E tínhamos duas assembleias por dia, de manhã e a noite, para revisarmos o que estávamos fazendo de errado, etc.

Marcos Francisco Martins: E quais foram as atividades que vocês desenvolveram lá dentro?

Luna: Nossa, foram muitas...

Tolão: Ainda sobre a organização, o que nos ajudou muito foram cartazes, folhas sulfite com mensagens, do tipo: “Oi, sou seu amiguinho lixo e preciso comer, então não deixe lixo no chão porque eu preciso me alimentar.”; “Olha, cuidado com esse banheiro, porque, daqui a pouco, quem vai limpar ele será você.”.

Luna: Nós ficamos muito conscientes...

Tolão: E sobre a arrecadação de alimentos, além de termos ajuda dos coletivos, como o colega falou, fizemos uma ação “filantrópica”, saímos em quatro alunos passando de casa em casa, pedindo e explicando o que estava acontecendo dentro da escola para a comunidade.

Marcos Francisco Martins: Mas lá dentro, o que vocês fizeram?

Clara: Olha, quando a gente, no primeiro dia que a gente ocupou a gente teve tipo uma reunião pra conversar o quê que a gente estava fazendo mesmo, só que foi bem esclarecido, eu achei que foi bem uma reunião mesmo. Depois teve uma feminista que foi lá, os meninos ficaram chocados porquê eles nem sabiam o que era feminismo, e eles ficaram espantados: “Nossa, eu sou totalmente machista!”. E eu achei bem legal. Teve teatro.

Marighella: Teve a Vivian, contadora de histórias.

Clara: Teve Rap, bastante Rap, batalha de Rap e foi isso. É que a gente ficou só uma semana, eu queria muito mais.

Marcos Francisco Martins: Só?

Clara: É, foi só mesmo, eu queria ficar bem mais, dá muita saudade.

Marcos Francisco Martins: Quando vocês falam assim, para mim soa muito estranho; sabe?! Porque eu fui dirigente sindical lá na década de 1990 e quando a greve demorava mais do que três dias, geralmente, era todo mundo preso. Passar de três dias, significava que "o pau comia". Daí o tensionamento constante. Quando você fala que é pouco uma semana, me chama muito a atenção. E o que mais que vocês faziam lá? Teatro...

Clara: Teve sarau, teve roda de conversa.

Luna: Teve Rap, meu, foi uma negra empoderada, maravilhosa, cheia de dread. Aí, aquilo é muito bom porque choca e é bom quando choca, porque a pessoa presta atenção. E se ela presta atenção, ela escuta o que tá dizendo, ela escuta o que ela tá transmitindo. E as letras daquela mulher eram maravilhosas, sabe?! Eu lembro que eu fiquei parada olhando e falei assim: "Cara, você é demais!".

Marcos Francisco Martins: E como que ela foi lá? Quem correu atrás desse contato?

Luna: A gente procurava no Facebook e mandava mensagem falando: "Oi, a gente tá ocupando tal escola. Será que você estaria disponível pra fazer um show, pra fazer um debate?". E no Lauro, teve um dia que foi um absurdo... a gente estava ouvindo a rádio, a gente ficava ouvindo a rádio pra saber o que estava acontecendo lá na capital também, e estava tendo uma conversa com o secretário de educação [do município de Sorocaba], e aí o bonito falou assim: "Porque tão fechando sala? Por que não tem aluno suficiente!". Imagina [uma resposta dessa!!!] "Tem escola na região rural que tem dez alunos por sala" [continuou o secretário de educação]. Aí, a gente fica tipo: "Meu amor, na região rural até é aceitável que tenha dez alunos, mas não é assim na cidade! Entendeu?"

Não é assim nas escolas do centro, tão disputado que é o Padilha, tão disputado que é o Estadão, entendeu? E ele estava falando assim, muitos absurdos, muitos absurdos. E aí a gente ligou pra rádio sobre esse caso e ele foi lá. Ele foi ao Lauro, conversou com a gente. Isso foi uma conquista muito grande, porque o secretário da educação daqui de Sorocaba, foi [na escola], com o filho dele até, e a gente conseguiu fazer um diálogo, foi o único momento em que a gente teve um diálogo com uma autoridade maior da educação [municipal]. Porque o Sr. Geraldo até agora não falou nada, né? Então a gente teve o contato ali, e explicou, só que você via o "blá, blá, blá", sabe?! A gente falava alguma coisa e ele: "Não, mas tá aqui no estatuto...". E, meu, eu tô falando de vida, entendeu?

A gente não é máquina dentro da escola. Eles seguem esse negócio de que dá pra ter os quarenta alunos, e eles não entendiam, nossa, meu Deus. Eles falavam como se a gente fosse máquina: "Coloque esse botão azul aqui.", "Coloque esse botão azul aqui, o botão verde aqui e o botão prata aqui, beleza? Vocês são os alunos.", era assim que eles tratavam. E quando a gente teve esse diálogo, isso foi muito perceptível. Ali que a gente pôde falar: "Não cara, a gente tá aqui por causa disso, disso e disso", e foi um momento de muita conquista. E como eu disse, teve um professor da UFSCar que foi lá e teve debate. Cara, você debater..., teve o Daniel Lopes, que foi lá debater ditadura com a gente,

entendeu?! E é um negócio que você escuta e você tá interessado, não é como você pegar os quarenta alunos, pegar essa sala inteira e deixar o cara falando lá na frente.

Sete gatos pingados vão escutar. Então, você mostra pro aluno porque que isso é importante e ele se interessa. E o Daniel ter ido lá foi uma coisa incrível, por que os alunos se interessaram, sentaram no chão e ficaram olhando pra ele e entendendo o que aconteceu com as pessoas na época e a fins. Então, tudo foi relacionado à educação, tudo foi um aprendizado pra gente tá junto, pra gente entender a dor do outro, tanto que o debate que mais me marcou - e até hoje eu falo e sou do grêmio da escola, e até hoje eu quero mexer com isso - foi o debate de oprimido que se torna opressor. Isso é um negócio que precisa muito ser debatido.

Por que, gente, o pessoal que estava na escola não era os alunos que tiram dez, não eram os alunos que sentavam na primeira carteira de frente para o professor, entendeu?! Eram os alunos de terceiro que estavam pra sair da escola, eram os alunos que gostava do ambiente porque eram todos amigos. E aí eu conheci um menino, o Pastel, que era o tipo de cara que eu falava: “Meu, cala a boca, eu quero fazer minha prova!”, entendeu? E quando eu conheci aquele cara nas ocupações, quando teve esse debate ele falou: “Eu sempre fui o pretinho, o asfalto, o Saci, e tem uma hora que isso ia entrar na sua cabeça, se eu sou, por que você não é também?”.

Então, você começa a se revoltar, você mostra pro mundo algo que você não é pra se defender, então foi isso que a gente teve, muito, muito, em excesso, esse negócio de oprimido que se torna opressor por conta do ambiente escolar mesmo. Por que gente, os alunos são assim. Se você tem o cabelo diferente do meu, eu vou falar assim: “Puts, estranho né?! Esquisito esse negócio.”. Então, esse debate foi muito importante por causa disso, pra gente entender a causa do outro.

E a gente cresceu muito com isso, tanto que na escola eu vejo eles e falo: “Ô cara, você é demais, você é demais por tá onde você tá!”, entendeu? Isso foi muito bom... partir de debate, a partir de palestra. Teve uma roda de conversa de história, uma moça foi contar história pra gente, história de criança mesmo, sabe? Recitar versos mesmo. Pegar lá o: “Batatinha quando nasce se esparrama pelo chão” e coisa assim, só que envolveu a gente. A gente ficou girando igual palhaço no pátio, só que aquilo estava envolvendo, entendeu? A gente queria aquilo, e isso era o mais importante, era trazer um ambiente de cultura e de interesse dos alunos e não só porque “tem que tá no currículo do professor” ou “tem que tá no currículo do aluno”, mas não porque aquilo não interessa de fato pros alunos, entendeu? Então era mais ou menos isso.

Marcos Francisco Martins: Vocês falam com muita paixão desse processo né?

Luna: Sim!

Marcos Francisco Martins: E parece que afetou positivamente vocês. Se vocês pudessem enumerar duas, três das maiores dificuldades que vocês tiveram, o quê vocês poderiam dizer? Leonardo?

Leonardo: Nossa...

Marcos Francisco Martins: Duas ou três, assim, as mais importantes dificuldades que vocês enfrentaram. O que você considera..., o outro poderá considerar outra coisa.

Leonardo: A falta de compreensão de algumas pessoas do porquê que a gente estava fazendo a nossa luta dentro da escola. Foi uma das piores, praticamente. E teve no segundo dia..., duas meninas apareceram na frente da escola pra xingar a gente, falando palavras feias, que a gente era vagabundo, que a gente não prestava, que a gente estava aprontando na escola. Pessoas que a gente não conhecia no ano letivo..., elas queriam só aparecer no final do ano pra ganhar nota, entendeu? Elas não queriam estar lá porque elas queriam estudar, elas queriam parar com o movimento que estava acontecendo dentro da escola. E a gente teve um problema com isso.

Marcos Francisco Martins: Tolão, o que você acha?

Tolão: A [in]compreensão por parte dos professores. Dos professores não, da direção da escola é que foi difícil. Pra gente foi o que mais pegou, e que foi o melhor que a gente conseguiu no final, foi enquadrar a nossa comunidade dentro da escola.

Marcos Francisco Martins: Comunidade você está se referindo às pessoas inclusive de fora da escola?

Tolão: Sim, de fora da escola. Não só a questão do aluno cuidar da escola, mas do aluno conseguir incluir pessoas que a escola não conseguia, porque a direção não deixava se incluir dentro da escola. Tinha pessoa que falava que a diretora não deixava ele estudar porque tinha passagem pela Fundação Casa. E aí colava com a gente, ele dormiu com a gente, ele cuidou da escola com a gente. São pessoas que são tão recriminadas, mas são tão recriminadas, que é essa questão do oprimido se tornar o opressor. E a partir da hora em que eles viram que a gente estava abraçando eles, que a gente estava querendo que eles se enquadrassem com a gente, porquê eles também eram alunos da escola, essa foi a melhor coisa que aconteceu, foi a maior dificuldade, mas foi a melhor coisa que aconteceu. A gente conclui essa questão.

Marcos Francisco Martins: E aí Clara, diga lá...

Clara: Com a gente foi a comunicação mesmo. Não a comunicação assim, um com o outro, mas com quem era de fora; isso foi bem difícil. E a gente saiu assim distribuindo assinaturas, falando o que estava acontecendo, mas algumas pessoas vinham e tiravam uma com a gente, dizendo que era coisa de adolescente, que não sabe de nada. Na alimentação, agente não sabia o que ia comer no dia seguinte. Às vezes tinha macarrão, muito macarrão. E a vizinha da frente também, que teve um dia que ela foi meia noite fazer uma denúncia [na Polícia Militar], falando que a gente estava quebrando a escola e agente estava

simplesmente numa roda conversando, decidindo o que a gente ia fazer. Aí a gente chegou e eles [a PM] falaram: “A moça disse que vocês estavam aí quebrando tudo.” Aí a gente disse: “Não, a gente não tá fazendo nada disso”, aí eles entenderam e não foram mais. Mas eles foram num dia em seis viaturas, no outro dia cinco, num outro dia uma só à meia noite..., essa questão foi bem difícil.

Marcos Francisco Martins: E aí, Marighella?

Marighella: Polícia, professor e caseira.. a ameaça por parte do três. Era duro...

Clara: E deixa eu comentar uma coisa: era difícil ir polícia lá, porque como eu falei, é um bairro que tem tráfico, e se tem polícia lá, vai atrapalhar, atrapalha no comércio, aí eles começam a vir e tirar satisfação com a gente. Isso foi muito... a gente ficou vendo a hora que eles iam lá com arma pra tirar a gente... por tá toda hora a polícia lá entendeu? Isso foi bem difícil.

Luna: Teve uma escola, que eu fiquei sabendo que aconteceu, eu não sei nem se foi a sua, será que não foi no AVC?

Marighella: O que aconteceu?

Luna: Bom, eu não lembro exatamente em qual foi, mas teve uma escola em que o pessoal, os traficantes, foi e falaram: “Viu gente, vocês tão atrapalhando, não sei o que, não sei o que...”. E eles não entendiam por que e o quê estava acontecendo lá, por que estavam ocupando, e nesse processo eles explicaram pros caras, e os caras ajudaram, passaram a ajudar na segurança, e ver se tem algum carinha estranho rondando... Por que no Ezequiel, por exemplo, um garoto que discuti comigo um dia, porque eu sou uma feminista suja, vagabunda, ele jogou uma bomba na escola, assim, simples. Jogou uma bomba, e então era isso, a violência foi isso: aluno revoltado que não entendia jogava bomba por exemplo. Então, teve uma escola, que nem nessa, que eles ajudaram, que dava pra você ver que não é aquela coisa de “Ai, eles não vão entender, não sei o quê, é outra vida”. Não cara, é só você conversar, sabe? Então, esses alunos conversaram com esses caras e eles passaram a ajudar, passaram a compreender e isso é um negócio muito interessante, a gente tirou muitas coisas de dentro mesmo das ocupações.

Tolão: A vigia ficava só no portão de dia e durante à tarde pra ver quem passava, mas não tinha vigia à noite, não tinha vigia não.

Marcos Francisco Martins: E não teve problema?

Tolão: É, nos dois primeiros dias, que foi quando a gente precisava se comunicar com a turma de fora mesmo, teve problema por parte da comunidade e pá..., mas foi resolvido isso, porque como era a gente que já morava no Laranjeiras¹⁵ mesmo, já tinha esse diálogo. Porque, poxa, são caras que viveram comigo ali, foram caras que sempre tiveram comigo. E a partir desse diálogo, a gente tinha a segurança deles pra gente, tá ligado? Tipo, eles estavam jogando

¹⁵ Parque dos Laranjeiras é uma bairro da cidade de Sorocaba/SP.

bola junto com a gente à tarde, mas antes eles estavam passando de bike. Inclusive, teve um fato, que tentaram roubar o carro de um amigo nosso, o Jair, que ele é da rádio comunitária do Laranjeiras, e nisso, todo mundo saiu correndo atrás do cara que tentou roubar o carro e outros moleques que eram do tráfico também pegou as bikes que estavam com a gente e foram atrás do moleque. E daí a gente, tipo, eles acabaram descobrindo que o cara que tentou roubar o carro tinha um certo problema mental, e aquilo foi só uma... tipo, ele colocou a mão no carro e saiu correndo. Então a gente saiu correndo atrás dele, mas tipo, a gente percebeu que não tinha nada a ver. Mas tipo, você ver a molecada inteira do Laranjeiras, que antes estava querendo invadir a escola, agora tá correndo atrás do cara pra te ajudar, era muito da hora, tá ligado?

Marcos Francisco Martins: Então, eu queria entrar agora na última parte, que é aquela em que a gente vai tentar compreender um pouco o quê que sobrou disso tudo; não é mesmo?! Dessa experiência que vocês viveram, qual é o legado, o que sobrou para vocês? E talvez a primeira pergunta para motivar o debate... para nós é muito importante saber qual a visão que vocês tinham da escola antes da ocupação e qual é a visão que vocês têm hoje da mesma escola?

Clara: Então, o que eu tirei de tudo isso foi que as pessoas que... quando eu vi eu me achei até hipócrita, porque quem estava comigo geralmente não são de estudar, só que eu vi que eles entenderam o que a gente estava fazendo e entenderam muito mais, eles entenderam o quê que é o sistema em si. Eu achei muito bonito esse contato, com essas pessoas que dizem que não se interessam por educação, por aprender, mas se interessam e eu sou prova disso. Foi muito bonito o que eles me ajudaram [a compreender], o que eles fizeram, o interesse deles em tudo.

Marcos Francisco Martins: E qual a visão que você tinha da escola antes e qual a que você tem agora?

Clara: Ah, não mudou muito.

Marcos Francisco Martins: Não?

Clara: Não, a minha escola ainda continua difícil e não foi porque a gente fez alguma coisa que mudou totalmente, entendeu? Mas eu pude ver que, depois de tudo, alguns professores até compreenderam nosso lado e eu acho que eles vão guardar isso com eles e é isso que eu acho o mais legal, que eles vão guardar isso, que eles vão querer ter mais comunicação e acho que eles vão falar disso mesmo, do que a gente fez e que a gente não é robozinho do sistema, a gente sabe ser crítico também.

Marcos Francisco Martins: Obrigado!

Clara: Imagina... [sai da sala]

Marcos Francisco Martins: Se vocês puderem me dizer sobre isso, qual a visão que vocês tinha antes da escola e como é que foi esse processo... qual a visão que vocês têm hoje?

Marighella: Deixa falar então. É, primeiro sobre o que eu acho da escola antes e o que eu acho depois... É, a escola era um saco, a escola continua sendo um saco. A escola não era o meu lugar, hoje a escola é o meu lugar, a escola é minha, a escola não existe sem eu, a escola sem eu, o aluno não tiver lá não vai ter escola, não tem por que ter coordenação ou direção, não tem, precisa de aluno pra existir escola. É o meu lugar, é o lugar que mesmo sendo chato eu tenho que fazer aquele lugar ser um lugar agradável, ser um lugar legal. E uma coisa que eu tinha na cabeça e foi totalmente desconstruída, é que aula precisa de um bom professor, precisa de um bom professor, mas também precisa de alunos que tenham um pingão de... eu não digo interesse, mas um pingão de querer saber, de porquê isso, porquê aquilo? E acho que também é uma ponte de mão dupla... um professor também, que queira tá lá, ajudando, de querer passar informação, acho que fundamentalmente é isso, a escola hoje é o meu lugar.

Luna: Eu sempre tive uma visão muito boa das escolas por conta da tia que eu já falei e eu sempre tive aquele negócio de que tinha que ser pro aluno, tinha que ser. O aluno estava lá; sem o aluno, o que seria? Um monte de gente, sabe, sem fazer nada. Então, a visão que eu sempre tive da escola é que eu tinha que estudar, que eu tinha que passar de ano, que não importasse se eu seria uma aluna legal ou não, não importa se eu ia continuar amiga da pessoa que sentava do meu lado ou não, era um negócio que eu tinha que seguir as ordens.

Apesar de eu sempre ter criticado muito, eu sempre tive os meus porquês, de eu ter discutido várias vezes com coordenador por que eu questionava; se eu achava que estava algo errado, eu sempre falei: “Viu, isso tá errado!”, tanto que na greve do ano passado o coordenador discutiu comigo e foi um momento em que eu rachei com a escola, que ele viu que eu estava sentada no chão esperando resposta dele e ele apontou o dedo na minha cara e falou: “Quem é você pra falar isso? O quê que você sabe do que tá acontecendo nas outras escolas? O quê que você tá falando?”... como se eu fosse um nada...; o que seria da escola sem mim?

O que seria da escola sem a gente? Não seria nada! Seria um prédio que ia ficar largado, entendeu? Então foi um momento em que eu vi que eles não tão ali pela gente. Eu já escutei coordenadora xingar um menino que chegou cinco minutos mais tarde, porque o irmão que deixava foi trabalhar... eu vi ela xingando ele, falando assim pro irmão: “Ah, você vai ter que falar pro seu irmão que ele precisa sair mais cedo!”. Não tem mais humanidade, não tinha humanidade, e foi nesse momento que eu vi que eu não tinha mais uma certa esperança na questão da escola ser pra gente. E depois das ocupações, depois dos meninos de dez anos virem pedir pra mim, pedir pra eu abrir o portão pra eles jogarem futebol na quadra, eu vi que o ambiente não precisava ser esse, eu vi que dava pra falar: “Viu, senta do meu lado, vamos fazer tal coisa? Vamos jogar um negócio?”.

E agora, olhando pra escola, eu vejo a diferença, eu vejo que eu sento na sala e escuto o que meu professor tá falando e meu professor sabe que eu tô interessada porque ele sabe que eu tô na luta por ele, entendeu?! Ele sabe que se tiver greve eu vou apoiar por que é uma causa dele. Ele sabe que se tiver algo errado dentro da escola, se tiver algo afetando a vida dele, a gente vai tá lá,

porque eu não sou nada sem meus professores, de verdade. Meus professores saem da aula, eu agradeço, porque eu gostaria que isso fosse algo comum, que isso acontecesse com todos os alunos, mas só que isso não acontece, e faz diferença a gente tá lá, tipo: “Nossa cara, obrigado por ter feito isso, ai, obrigada por explicado tal matéria e não sei o quê!”. Então, depois das ocupações eu vi que dá pra ter aquela humanidade que faltava.

Eu sentei com meu professor que me xingou, que falou que eu não era dona do mundo porque eu transitava pelo ambiente escolar..., por que eu faço isso, eu sou muito inquieta, muito... Então, se eu quero sair eu saio, eu resolvo problema; gente eu já resolvi tanto problema com a diretora: “Então, Luna, resolve tal coisa pra mim?”. E eu vou e resolvo. Então a gente explicou isso pros professores e hoje eu já ouvi professor me chamando de “Sá”, sabe? Me falando: “Você viu tal assunto? Eu vou te pegar uma revista que você vai gostar.”. Então, na minha escola, pra mim, naquele momento, nesse âmbito, eu cresci nisso, eu vi os alunos crescendo.

Eu vi alunos que não tinham voz tendo voz, eu vi uma menininha do primeiro ano que pediu pra entrar na minha chapa do grêmio, eu sei que eu sou do segundo gente, mas ela é bem pequenininha, e me pediu pra entrar porque ela gostou do que eu falei, por que eu estava falando da luta trans [luta em favor da questão do gênero], por que eu estava falando das causas, né?! De por que a gente ocupou, disso, daquilo e tal..., de tudo isso, envolvendo tudo, todo o movimento estudantil e ela falou: “Eu concordo com tudo isso que você falou e eu quero entrar, quero tá envolvida com isso.” Então, depois das ocupações, o que eu mais reparei na escola foi que dá pra ter humanidade, ainda dá pra salvar. Eu não saio daquela escola de jeito nenhum!

Gente, o meu tio me convidou pra ir morar com ele na Espanha esse ano, eu falei que eu não vou por que eu tenho que mudar minha escola. Cara, eu tenho que fazer o que minha escola foi nas ocupações, eu tenho que fazer com que os alunos entendam que aquele ambiente é deles, que eles vão crescer com aquilo, por que os professores tão ali pra dar aula pra eles, por que eles vão se formar, vão levar isso pra vida toda, entendeu? É o negócio de lembrar o nome da professora da primeira série, é um negócio que a gente vai levar e eu acho que é por isso que eu invisto ainda tanto, que eu ainda morro de amores pela minha escola, e depois das ocupações ainda existe humanidade, entendeu? Eu descobri que eu posso sentar e conversar com os meus professores. Eu descobri que posso entrar e falar com a diretora. É mais ou menos isso.

Marcos Francisco Martins: Leonardo, e você, qual a concepção que você tinha da escola antes e depois das ocupações?

Leonardo: Eu vi que quando estavam entrando pra ocupar as escolas eu já estava terminado a escola. Mas quando eu estava estudando, ainda a gente tinha bastante opressão. A gente tinha muita opressão na sala de aula, bastante alunos desinteressados na sala de aula simplesmente por que a gente tinha um professor ali que te falava: “Tó, faz aí esse parte e depois você me entrega que eu vou te dar uma nota.”. E era isso praticamente a escola em que eu estudava, que

é o Beatriz¹⁶. E depois das ocupações, a gente viu que as opressões, um com o outro, teve mais respeito entre os alunos. Os alunos aprenderam a se respeitar, teve mais companheirismo com as ocupações. As pessoas puderam se conhecer melhor, o próprio aluno tirava as dúvidas, entendeu? A gente explicava pra eles o quê que era o movimento, que a gente queria realmente mudar nas escolas. E hoje a gente entra nas salas de aula pra falar dos movimentos sociais e a gente vê o aluno interessado na sala de aula, entendeu? Antes era tipo: “Ah, mas você vai atrapalhar minha aula pra falar de movimento e pá?”. E tipo, a gente vê que os alunos melhoraram bastante nisso, agora tem mais atenção.

Marcos Francisco Martins: E lá, o que você acha, Tolão?

Tolão: Então, eu também estava dentro da escola, conversando com os professores, e eu gosto de ver de um jeito diferente... Quando a gente, depois da ocupação, eu vi que os mesmos professores continuavam as mesmas coisas: os legais, que ajudaram a gente, continuaram legais depois da ocupação, mas os que me odiavam continuavam me odiando mais depois. Essa semana que eu fui ver que eu não podia ir colar um cartaz na parede da escola de um evento que era da comunidade, que era um evento de hip hop, por que era eu. A inspetora perguntou meu nome, pra saber se era eu realmente, e eu falei, e ela falou: “Você não pode colar nenhum papel na escola.”.

E daí eu fui vendo que em questão da direção, dos professores, pelo menos na minha escola, não mudou nada. Mas nos alunos, ver alunos, colegas meus que hoje tão na militância com a gente, tá ligado? Que começaram ali. Eu militava independente, pela comunidade, pelo Laranjeiras, mas quando eu conheci os coletivos e vi a união deles, entendeu? Mesmo com suas divergências, eles se unindo no mesmo rolê, no mesmo ato pra ajudar as escolas; era muito da hora. E você ver que os alunos que estavam ali eles vão crescer, e podem se tornar, eu mesmo, eu vou estudar pra ser professor.

Marcos Francisco Martins: A sua escola vai deixar você colar cartaz?

Tolão: Sim. E a gente pega um amor nisso, a gente vê os professores também, que são exemplos pra gente, e você vê que os alunos mesmos, eles vão mudar esse ensino conservador que domina as escolas ainda. Infelizmente, que preza só de jogar informação na cabeça do aluno. Alunos que falam: “Pô, por quê que eu vou dar uma aula dessas, de só eu falar, se eu posso debater com o aluno? Se tal professor debateu comigo, eu posso debater com meus alunos quando estiver mais velho.”, tá ligado? Eu acho isso muito da hora.

Marcos Francisco Martins: Começando daí pra cá, neste momento final, ou vocês fiquem livres pra fazer como quiserem... Você, Luna, mencionou uma coisa: não mudou muito, mas teve algum tipo de repressão especial aos alunos que participaram das ocupações quando voltaram às escolas. É isso?

Luna: Muita! Teve transferência compulsória, que alguns chamam de expulsão, mas como era uma transferência compulsória, tá tudo bem, né? Não vai mudar nada o aluno chegar no final do ano numa escola totalmente diferente... Teve

¹⁶ Escola estadual Profa. Beatriz Caixeiro Del Cistia, do município de Sorocaba/SP.

muita [opressão], o Padilha é o exemplo; você quer um exemplo? É o Padilha. O diretor do Padilha tá sendo um nojento com os alunos, entendeu? É um negócio do tipo: “Você estava nas ocupações? Então não. Você não estava? Então venha, pode vi.r”, passando a mãozinha na cabeça, entende? Teve transferência compulsória de sete alunos do Padilha, eu acho que foram sete, fora os que repetiram, fora os que tem um trabalhinho péssimo dentro da escola, fora os que fazem o CEU, sabe?

O pessoal que fica lá duas horas no Padilha, duas vezes por semana, mesmo assim tá tendo essa opressão, entendeu? Esse negócio de tá em cima, de ficar seguindo, ficar perguntando: “O quê que você estava fazendo naquele canto?”. Sabe? Tá péssimo, tá péssimo, tá tendo muito disso. No Ezequiel também: “Você tá com jeans? Você não vai entrar na escola!”, tanto que ontem um pessoal não pode entrar na escola porque eles estavam de jeans. Porque hoje a dirigente de ensino mandou um uniforme pro Ezequiel e deu uma confusão até nisso. Não tão deixando alunos entrar por estarem de jeans, sabe? E alunos que estiveram nas ocupações... teve aluno que em um dia, um dia teve contato e mesmo assim eles falavam que não poderia entrar e não deixaram entrar na escola. Tá tendo muito, muito.

Leonardo: Tiveram acusações de roubo contra os alunos que estavam nas ocupações ajudando a gente. A gente estava acompanhando todo mundo e mesmo assim teve fraude [acusatória] de vandalismo, roubo, pichação. A gente teve bastantes probleminhas com isso.

Tolão: É, eu era de maior, quando eu ocupei já era de maior, estava estudando, mas era de maior. E eu fui pego; cada boletim de ocorrência que foram fazendo pra mim era vandalismo e isso não foi seguindo em frente por causa de certos professores que me ajudaram lá. Tem uma prima minha que é professora da minha escola e que me ajudou a não me ferrar. Mas teve esse caso de repressão que aconteceu da diretora comigo, não só comigo.

A vice diretora foi mandada embora da escola que a gente estava ocupando, por que ela estava ajudando a gente. Tiraram o programa Escola da Família, porque a gente foi fazer uma união entre a escola da família e a ocupação, e a partir daí, tipo essa diretora que cuidava disso foi tirada do Antônio Cordeiro e foi para outra escola, e acabou o programa Escola da Família. E a culpa foi pra quem? Pra turma da ocupação. E a gente foi vendo pessoas da comunidade que sempre, sempre ajudaram na escola, tipo trazendo visibilidade para a escola, trabalhos sociais pra dentro da escola mesmo, que hoje não podem entrar na escola. Pessoas da comunidade do Laranjeiras, da turma da biblioteca comunitária do Laranjeiras que conhecem a gente da ocupação, hoje a diretoria, a direção queria barrar eles.

Marighella: Acho que a opressão mais forte mesmo, até hoje, é a forma como as pessoas te olham por cada comportamento seu. Elas ficam em cima pra você não fazer nada daquilo que saia do padrão da escola e também tá tendo muita, muita, muita perseguição pra aqueles garotos que participaram da ocupação e hoje são candidatos ao grêmio estudantil da escola. Por que grêmio estudantil

é a manifestação dos alunos e se o grêmio estudantil tiver com alguns daqueles alunos que ocuparam a escola e que hoje tem um senso crítico, tem uma autonomia, vai dar trabalho.

Marcos Francisco Martins: E em todas as escolas de vocês tinham grêmios?

Luna: Na minha sim, eu era já do grêmio no ano passado.

Marighella: Na minha escola tinha um grêmio manipulado por um programa que era [desenvolvido] dentro da escola, que chama Jovem Brasileiro em Ação. Não sei se vocês conhecem, é um programa da polícia militar dentro da escola, que de verdade, que fala, que alega um incentivo, um apoio, mas hoje eu vejo o reflexo dos alunos que participam daquele programa, totalmente doutrinados pelo polícia militar. Visitam o batalhão pra saber como funcionam as coisas, várias coisas bem pesadas mesmo, até, até, tem gente que fala que é disciplina, mas até a posição em que a pessoa canta o hino nacional é em forma militar, bem “certinha” assim, em ordem. Então, era um grêmio bem manipulado. Hoje a gente vê a galera da ocupação montando grêmio, e sendo perseguidos, de verdade. Tem duas chapas disputando as eleições hoje, e a direção, a coordenação apoia uma.

Tolão: Eu não sei se vocês percebem isso nas escolas de vocês, mas o grêmio sempre foi muito só pra parecer que tem grêmio, né? “Vamos fazer uma festinha no final do ano, do Halloween, o grêmio limpa e acabou o grêmio.”. E é isso, lá sempre foi isso, tá ligado?

Luna: Esse ano vai ser meu terceiro ano consecutivo no grêmio e quando eu entrei, quando me chamaram pro grêmio, foi justamente pelo que eu sou, por que eu falo muito, e se eu vou sair pra mobilizar, eu vou te convencer, eu vou saber articular com os alunos. E cara, passaram esses anos, desde a oitava no grêmio, eu vi a diferença. Eu lembro que ano passado a gente limpou o anfiteatro da escola porque queimaram a cortina, e queimaram as cadeiras que eram de plástico e ficou aquele cheiro, aquela coisa nojenta, tudo queimado e a gente limpou, o grêmio estudantil limpou o anfiteatro da escola, por que ninguém estava lá pra fazer debate, a gente não estava lá para ver currículo, não pode, não sei o quê, a gente não pode fazer, a gente tem que limpar anfiteatro. E isso foi numa época em que eu falei que “Não, né, tudo bem, vamos ajudar né, é a escola, lógico.” e limpamos.

Hoje eu vejo que quando eu tento levar um debate pra dentro da escola, pra escola, tem que ter uma procura gigante e que não é tão necessária, sabe? É só um debate, é um momento de conversa com os alunos, é sentar com os alunos e falar: “E aí, o que tá te machucando aqui dentro? E aí, o que você acha que pode melhorar?”. Mas não, nem isso a gente consegue. Tanto que eu falei, os alunos tão muito mais compreensivos uns com os outros, então eles ficam naquele amor por conta dos debates que a gente teve nas ocupações, mas é muito barrado, muito barrado, tipo, o tempo todo. A gente, naquelas festas no final do ano, ano passado a gente fez aquela festa do Halloween, e eu lembro que foi até a diretora do Ezequiel que chegou e falou: “Filha, faz de Halloween, mas faz alguma coisa do folclore. O Halloween não é nosso, não é daqui.”. E eu falava:

“Ah não, mas Halloween todo mundo quer.”. Aí esse ano eu entrei, eu vou fazer a chapa de novo agora em abril e eu falei que não, eu quero mudar pro folclore brasileiro. Faz uma festinha no dia do Halloween? Faz a festinha do Halloween. Mas faz aquela festa do folclore, faz aquela festa que traga a nossa essência, entende?

Que traga os nossos cantores, que foi o que a gente teve nessas ocupações, que foram essas histórias que a gente ouviu. Foi aquele negócio, que a gente ouviu a história do moço que vai comprar na cidade vizinha e volta com o gado diferente, entendeu? Isso envolvia a gente, isso foi bom de mais. Então, como você falou, que grêmio foi sempre isso, e eu acho que a ocupação nos trouxe essa força pra gente, eu acho que eu sou a prova viva. Eu fazia progressiva, eu tinha um cabelão comprido, ele era rosa, gigante, era maravilhoso, só que eu não achava que eu podia ser bonita com os meus cachos. Eu achava que “Não, meu Deus, meu mundo vai mudar!”, tanto que algumas vezes eu tentei, e não, nas ocupações, no dia do sarau da consciência negra, eu lavei meu cabelo, peguei e fui. E pegaram no meu cabelo e falaram: “Cara, que cacho lindo!”. E não sei o quê, e eu peguei e falei: “Não, vou cortar, eu quero tirar todo resto de química que tem.”. E cortei, e agora eu falo: “Cara, tá bagunçado, mas tô maravilhosa, eu tô eu.”. Então, o tempo todo, nas ocupações, a gente cresceu, com nós mesmos e como humanidade. Então, esse negócio do grêmio foi o que deu muita força, que nem você falou, que grêmio com o pessoal que ocupou, então a gente tem força, a gente pode, a gente tem voz, entendeu?

Marcos Francisco Martins: E vocês mantêm algum tipo de organização, depois das ocupações, entre aqueles que participaram delas. Vocês continuam mantendo algum tipo de contato, de organização entre vocês?

Marighella: Uma coisa muito interessante que aconteceu na minha escola foi que depois do período de ocupações teve um rachamento, por que, infelizmente, quer dizer, infelizmente ou felizmente, por que acho que tem um momento em que cada um se coloca onde se identifica, né? Algumas pessoas preferiram seguir uma parte mais coordenação, mais direção, então foram sendo influenciados pela direção, tanto que é a chapa que a direção apoia, e a outra parte com o conceito de quê: “Ah, a gente vai fazer por que a gente é estudante, e a gente também tem direito dentro dessa escola, e a gente tem só a acrescentar.”. E o quê aconteceu?

Rompeu e aí cada um tá se organizando do seu jeito. Na minha sala, exclusivamente, a gente propõe uma organização, que é a famosa sala democrática que a gente se denomina. E lá a gente se organiza, lá a gente faz os relatórios do que aconteceu, e lá a gente mesmo resolve os nossos problemas, a gente, tipo, numa briga, a gente tenta não deixar chegar na coordenação porque se chegar na coordenação os dois vão tomar uma suspensão e aí um vai ficar com mais raiva do outro porque fez tomar suspensão e não vão mais ser amigos. Então, a gente troca ideia; “Pô, vocês não precisa disso, vocês são da mesma sala, tão no mesmo barco.”. E tenta conversar, e acho que é isso, acho que a principal organização das pessoas que estavam lá na ocupação é o grêmio estudantil agora, que se uniu pra disputar esse espaço.

Marcos Francisco Martins: Bem, por fim, a gente tem um momento aqui que é o da palavra aberta. Ele se destina a alguma coisa que vocês gostariam de dizer e que não foi possível durante a entrevista. Então, vocês podem dizer o que quiserem agora.

Marighella: Há outras coisas que eu pensei, pensei, pensei. A gente vive hoje num momento que uma música de um rapper que chama Eduardo Tadeu, que cantava no Faccão Central, resume muito toda a conjuntura de um bairro periférico. Pra quem não conhece, eu moro numa periferia aqui de Sorocaba, vulgo Habiteto, ou vulgo Ana Paula Eleutério, esse é o nome que a gente escolheu, que as pessoas crucificam. E a música do Eduardo fala que a era contemporânea pede igualdade, as chacinas pedem restos mortais pras autoridades, e ele fala que a chacina tá tomando conta, e a chacina não tá sendo feita só lá no bar, onde as pessoas tão bebendo, ou lá na biqueira onde as pessoas tão vendendo droga; a chacina tá sendo feita também dentro da escola, onde essas pessoas tão sendo oprimidas e oprimidas de verdade.

Onde as pessoas não podem se identificar, não podem se identificar com sua forma, que tá se acabando, e tem alunos morrendo, morrendo e morrendo, que tão sendo esfaqueados por serem o que eles são e que tem aluno que não tá podendo ser o que é dentro da escola. Então, eu acho que isso é uma coisa que ainda pega muito, a chacina que tá acontecendo dentro da escola é muito pesada.

Luna: Eu quero pedir um favor, de verdade. Vocês são professores, é isso? Eu não sei se eu entendi direito. São?¹⁷ O que eu queria pedir aqui, já que vocês estão escutando a gente, escuta toda a causa, sabe? Por que o que ele falou dos alunos que morrem, isso acontece o tempo todo. Tem aluno que perde a vontade de ser quem ele é por que vão julgá-lo: “Por que é bicha, por que é sapatão”, entendeu? Isso é uma coisa que acontece muito, e tem um livro que é muito interessante, que é o “Gênero e diversidade dentro das escolas”.

É um livro muito bom, ele é bem grosso, é muito amplo. Então, é um negócio que precisa ser discutido, e o que eu queria pedir - tanto que até tá gravando, né? - que vocês entendam, de verdade, como a gente abraçou a causa dos alunos, como a gente abraçou a criança que teria que sair mais cedo pra ir pra escola, como não ia mudar nada na nossa vida, a gente abraçou aquela causa, certo? Então, esse negócio de passar pra frente a empatia, o negócio que, não é por que não tá doendo em mim que eu não tenho que cuidar, entendeu?

Então, é isso que a gente tem no ambiente escolar, é isso que eu queria falar, que a gente precisa cuidar, de fato. O que eu queria pedir pra todos vocês, mestrandos, pós-graduandos, que já têm uma puta bagagem, que sabem o que vocês falam nas suas pesquisas, é que vocês foquem nisso pra algo que não vá mudar só a vida de vocês, sabe? Pra levar isso pra frente, pra ajudarem todo mundo, acho que é isso que eu queria falar, tipo, pra gente poder o tempo todo, assim como eu ajudei na minha escola, pra vocês ajudarem no ambiente de

¹⁷ A estudante se volta ao público de mestrandos e mestrandas da UFSCar que estava acompanhando a entrevista. A eles dirige esta pergunta.

trabalho, a não deixar o cara, o CIS¹⁸, hetero, branquelo, falar: “Ah, vai não sei o quê, traveção.”, sabe? Pra não deixar o cara achar que [é certo] o negro não falar que é negro: “Ah, sou moreno.”. Por que ser negro, pra ele, muitas vezes é algo ruim, entende? Por que ele sofre por causa disso. Então, é isso que eu queria pedir, pra gente o tempo todo tá desconstruindo conceitos errados, tá o tempo todo desconstruindo o que acaba com a gente. Eu sempre falo que a nossa função é a desconstrução, sabe? Tentar trazer todo mundo pra luta, ou pelo menos pra abraçar a causa, pra gente poder ir pra frente, todo mundo junto.

Marcos Francisco Martins: Quer falar alguma coisa Leonardo?

Leonardo: Acho que fui contemplado pelas falas dos companheiros.

Marcos Francisco Martins: Tolão?

Tolão: É, você falou das organizações pós-ocupação, como a gente se comunicava, uma coisa que aconteceu lá no Antônio Cordeiro foi que todas as pessoas que faziam parte da ocupação do Antônio Cordeiro, que estavam lá todos os dias dormindo, a gente se uniu, tanto que a gente conseguiu fazer o mesmo trabalho social, territorial, dentro do tempo que foi possível. E a partir daí a gente foi vendo o quanto a união fora da escola também, não só na ocupação, territorial também, ajuda a gente. E eu só queria lembrar e relembrar aqui que a reorganização foi adiada e que logo menos a gente vai tá voltando pras escolas.

Marcos Francisco Martins: Vocês voltarão se a sala para a qual vocês forem destinados já não foi fechada.

Luna: Exatamente, e já foram fechadas mais de mil e duzentas salas.

Marighella: Professor, eu também queria agradecer a oportunidade da sua parte, do Fábio que foi procurar a gente, do Érico também que estava participando, a Keyla... agradecer pela oportunidade de tá ouvindo a gente aqui, o que a gente tem pra falar, o que a gente sente de verdade, tanto na parte do amor, da parte melosa que o estudante que ama sua escola, e a parte do estudante que tá revoltado com esse sistema educacional que tá falido, tá falido. Se você hoje não soa, não rala, não corre atrás, você não vai ter, você não vai conseguir mesmo. E é isso, agradecer e saber que vocês, mestrados, você professor, com doutorado, vai encontrar muitas vezes um aluno, tanto na faculdade quanto na escola, que precisa de desconstrução, mas que precise também de amor, que precise de um pingo de atenção, que talvez não esteja no melhor momento, que talvez esteja na extrema revolta, de precisar mostrar que “Eu não tô aguentando mais cara, eu não consigo.”... e que você possa entender que quando ele expressar a revolta dele é por que ele tem uma causa, é por que ele tem um motivo e que é uma revolta total.

Marcos Francisco Martins: Obrigado a todos vocês!

¹⁸ O termo se refere ao cissexual ou cisgênero, que diz respeito àquele(a) cujo gênero tem identidade com o sexo biologicamente constituído.

Referências:

BRASIL. LEI Nº 12.527, de 18/11/2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm>. Acessada em: 02/06/2016.

EXAME. *Professores de SP denunciam "reorganização silenciosa"*. 05/02/2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/professores-de-sp-denunciam-reorganizacao-silenciosa>>. Acessado em: 03/06/2016.

FREITAS, L. C. *São Paulo: reorganizar para privatizar*. 21/10/2015. Disponível em: <<https://avaliacaoeducacional.com/2015/10/21/sao-paulo-reorganizar-para-privatizar/>>. Acessado em: 03/06/2016.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Decreto nº 61.672, de 30/11/2015. Disponível em: <<http://www.educacao.saobernardo.sp.gov.br/index.php/ultimas-noticias/clipping/legislacao/4122-decreto-n-61-672-de-30-11-2015-disciplina-a-transferencia-dos-integrantes-dos-quadros-de-pessoal-da-secretaria-da-educacao-e-da-providencias-correlatas>>. Acessado em: 03/06/2016.

_____. DECRETO Nº 61.692, 04/12/2015. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2015/decreto-61692-04.12.2015.html>>. Acessado em: 03/06/2016.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Tenho vergonha da educação de SP, afirma secretário da gestão Alckmin. 25/11/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/11/1710803-tenho-vergonha-da-educacao-de-sp-afirma-secretario-da-gestao-alckmin.shtml>>. Acessado em: 03/06/2016.

_____. *Popularidade de Alckmin atinge pior marca, aponta Datafolha*. 04/12/2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/12/1714813-popularidade-de-alckmin-atinge-pior-marca-aponta-datafolha.shtml>>. Acessado em: 03/06/2016

MARTINS, M, F. La educación política a través de los movimientos sociales: notas sobre las protestas ocurridas en 2013 en Brasil. *Revista Pasos*. San José-Costa Rica, nº 161, out-dez.2013, p. 34 a 54. Disponível em: <<http://www.deicr.org/pasos-no-161>>. Acessado em 01/04/2015.

_____. Fechar escolas para quê? *Correio Popular de Campinas*, 03/11/15, p. A-2.

_____. Apontamentos sobre o conservadorismo contemporâneo: os movimentos sociais e os eventos de multidão à luz de Gramsci. In: VARES, Sidnei Ferreira e POLLI, José Renato (orgs.). *Democracia em tempos de conservadorismo*. Jundiaí/SP: Inhouse, 2016a.

_____. Um pedagogo para o TJ-SP. *Correio Popular de Campinas*. Campinas-SP, 02/02/2016b, Coluna Opinião, p. A-2.

NALINI, J. R. *A sociedade órfã*. 05/04/2016. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/a-sociedade-orfa>>. Acessado em: 03/06/2016.

PICOLOTTO, E. L. Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas. In: CSOnline - *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, ano I, edição 2, novembro de 2007. Acessado em: 15.maio.2011, p. 156 a 177. Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/csonline/article/viewFile/358/332>>

PÓ, M. V. et al. *Análise da política pública de Reorganização Escolar proposta pelo governo do Estado de São Paulo*. São Bernardo do Campo/SP: Universidade Federal do ABC, novembro de 2015. Disponível em: <<https://blogdosalomaoximenes.files.wordpress.com/2015/12/anc3a1lise-da-reorganizac3a7c3a30-escolar-sp.pdf>>. Acessado em: 29/03/2016.

ROMÃO, W. de M. Escolas não são apenas prédios. *Jornal Estadão*. 19/11/2015. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,escolas-nao-sao- apenas-predios,1799323>>. Acessado em: 03/06/2016.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Escolas estaduais com uma única etapa de atendimento e seus reflexos no desempenho dos alunos*. Agosto de 2015. Disponível em: <<http://download.uol.com.br/educacao/2015-documento-reorganizacao-rede-estadual-SP.pdf>>. Acessado em: 03/06/2016.

SMETAL. *Governo estadual admite que pretende terceirizar o ensino público*. 06/11/2015. Disponível em: <http://www.smetal.org.br/noticias/governo-estadual-admite-que-pretende-terceirizar-o-ensino-publico/20151106151933_B_344>. Acessado em: 03/06/2016.

TRAVITZKI, R. Análise: reorganizando a reorganização de escolas. *Jornal Estadão*. 08/12/2015. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/blogs/paulo-saldana/analise-reorganizando-a-reorganizacao-de-escolas/>>. Acessado em: 03/06/2016.

Recebido em: 21/04/2016

Aceito em: 09/06/2016